

UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA



Géssica Nunes Guarani Nhandewa

A minha voz não fala sozinha. A minha voz grita e ecoa no coletivo. Eu venci e venço todos os dias porque eu sou muitas. Sou uma mulher indígena e todas as vezes que alguém me ouve, venço também. Porque fui silenciada desde a infância. Desde a infância, todos nós, povos indígenas, fomos silenciados. Eu não compreendia bem como isso acontecia, mas o fato é que acontece.

A reflexão me levou por caminhos tão vastos pelos quais eu caminhara e a memória adormecida das minhas ancestrais sob a disciplina de ordem do imperialismo não me permitiu reconhecer. Eu despertei com a lança, com o Takwapu, com os arcos e flechas, com os Mbarakas todos em minhas mãos, pronta para a maior batalha da vida de uma guerreira guarani.

GÉSSICA NUNES
GUARANI NHANDÉWA







UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA

Géssica Nunes Guarani Nhandewa



SUMÁRIO

9	<i>Notas da organizadora</i>
11	<i>Agradecimentos</i>
12	<i>Glossário</i>
16	Introdução

PARTE I

GÉSSICA NUNES GUARANI

- 28 **Ancestralidade Guarani**
- 44 **Ser guarani, ser mãe e ser mulher**
- 64 **Os meus Guaranis**
- 72 **Re-existir e dar novos sentidos ao viver**

PARTE II

**UNIVERSIDADE
É TERRITÓRIO INDÍGENA**

- 88 **Universidade é território indígena
e o território indígena é universidade**
- 100 **Indígenas na universidade:
relatos de uma sobrevivente**
- 128 **O conhecimento indígena na universidade**

- 151 *Coleção Retomadas*

NOTAS DA ORGANIZADORA

Conheci a Géssica através da internet, em meio à pandemia. Primeiro pelas redes sociais; em especial, pelos vídeos publicados no Instagram “Universidade Território Indígena”, defendendo a presença indígena na universidade. Depois, ela passou a integrar o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), que eu também integro, e passamos a conversar. Géssica é uma pessoa muito cheia de sonhos e planos, animada para colocá-los em prática. Logo ela me animou também, dando sentido aos meus dias. Pude apoiá-la em alguns desses sonhos, como um cursinho preparatório para alunos indígenas ingressarem na universidade.

9

Agora estamos aqui de novo. A convite da querida professora Letícia Fraga, organizei os textos escritos por Géssica. Todos eles: textos do Instagram (do período de junho de 2019 a junho de 2022), trabalho de conclusão de curso e até projeto do mestrado. Em todos, a coletividade ressoa. Géssica não está sozinha, nunca esteve. Junto dela estão todos os povos indígenas, do passado e do presente. A voz da Géssica não ecoa sozinha.

Pensei muito sobre como organizaria textos tão profundos, se eu deveria fazer explicações, contextualizações. Mas, lendo o material, vi que não havia necessidade. E mais, não caberia nenhuma intromissão minha nos textos, além da simples formatação. Ler esses textos é como ouvir a Géssica falar, e a oralidade é ancestralidade indígena. Por isso, optei por manter os textos na

íntegra, como foram publicados. Transformei as imagens postadas em textos, também, e buscamos dividir o livro em sete capítulos. Mas sabemos que a vida não se divide em capítulos, então, talvez, a estrutura dos textos pudesse ser modificada sem problemas, de modo que a divisão é dinâmica.

Enfim, acredito que esse livro deveria ser leitura obrigatória para todos que trabalham com os diversos níveis da educação e, em especial, no ensino superior. Sobretudo, o livro reforça a importância de se estar junto na luta e fortalecer todos aqueles e aquelas que a compõem. A voz da Géssica não ecoa sozinha.

Rachel Libois
Agosto de 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Nhanderu (Deus) pela permissão de trilhar este caminho a partir da minha ancestralidade;

À minha família, mãe que me formou uma pessoa melhor e mais sábia quando contava a história de nosso povo Guarani Nhandewa;

Aos meus filhos pelo amor que geram em mim e me motivam todos os dias, a ser uma pessoa melhor;

Aos professores que apoiaram o meu projeto e acreditaram que a minha escrita é válida;

À Letícia Fraga e Rachel Libois que sempre estiveram do meu lado me auxiliando e respeitando a minha realidade e a todos/as os/as colaboradores/as da execução desse trabalho;

Agradeço ainda a minha comunidade que me apoiou em um momento tão crítico, que é esta pandemia do ano de 2020, permitindo atuar como professora na Escola Estadual Indígena Yvy Porã;

Enfim, agradeço a todas as minhas ancestrais guerreiras da vida, que lutaram com amor e esperança pelas vidas indígenas nessa batalha diária que é sobreviver a todas as violências.

GLOSSÁRIO

Abya yala — território sagrado;

Aporãete — obrigado;

Djaryi kwery — rezadoras;

Djopya retá — policiais;

Ko'ê porã pamê, txeirũ kwery! — bom-dia a todos, meus amigos!

Ko'ê porã, txeirũ kwery — bom-dia, meus amigos;

Kunhã — moça;

Mbarakas — um chocalho. Também é um instrumento usado para
12 fazer o som que acompanha os cânticos Guarani;

Mitangwe kuery — todas as crianças, criançada;

Nhandereko — modo de ser indígena;

Nhanderu — Deus;

Nhanimbodjere pamē — vamos todos fazer o círculo (quando o
Txamõi chama na casa de reza, as pessoas, umas atrás das
outras, formam um círculo);

Nhanimongueta — vamos conversar;

Nhanimongueta pytsaka porã — vamos conversar bem, refletir
bem;

Nhemongarai — ritual sagrado, feito pelos mais velhos na casa de
reza. Uma das cerimônias mais fortes, servindo para crisma,
benzimento, troca de nomes e nomeação.

Oy guatsu py — na casa grande;

Oy gwatsu — casa grande, casa de reza;

Porã eté aguydjewete — agradecimento;

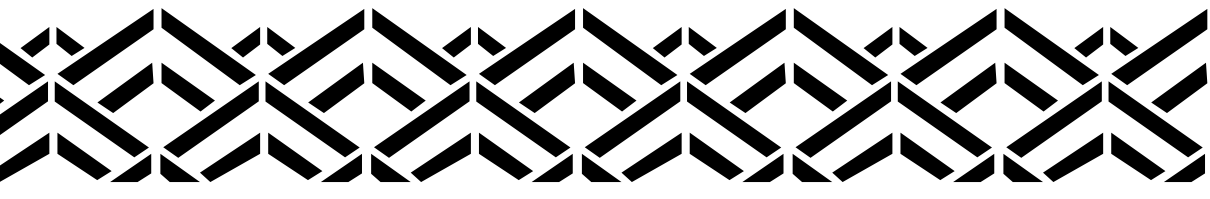
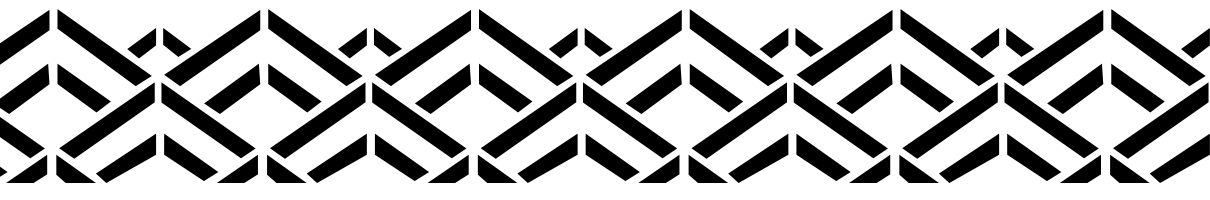
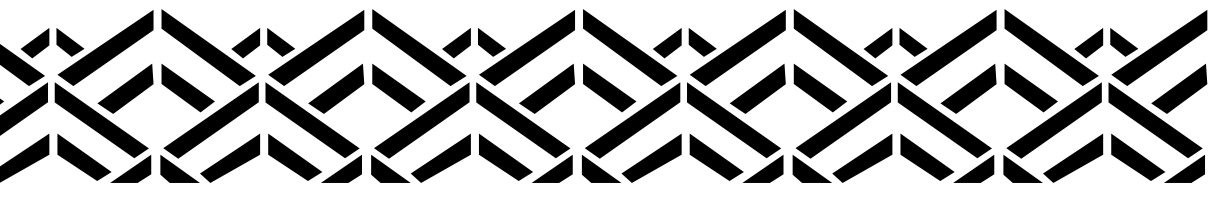
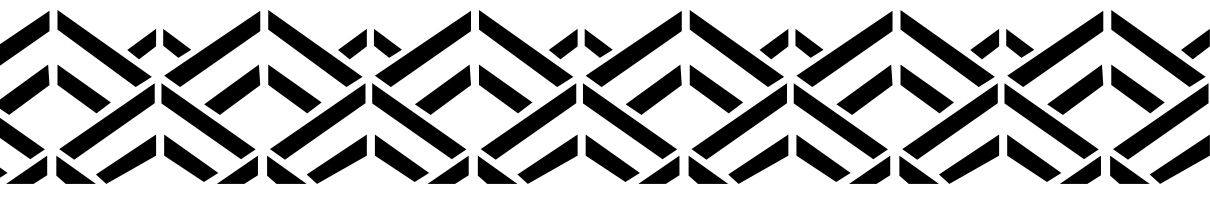
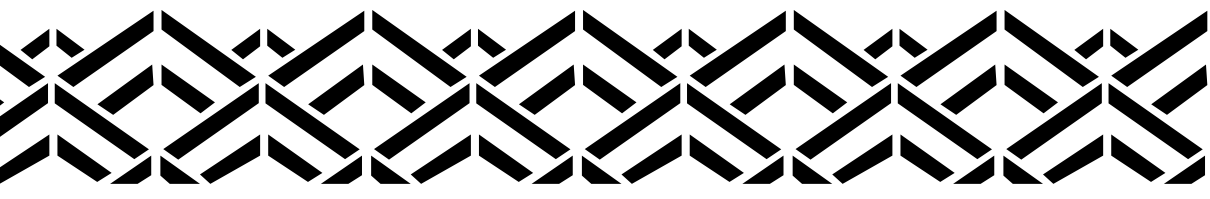
Pytsaka porã — prestar atenção;

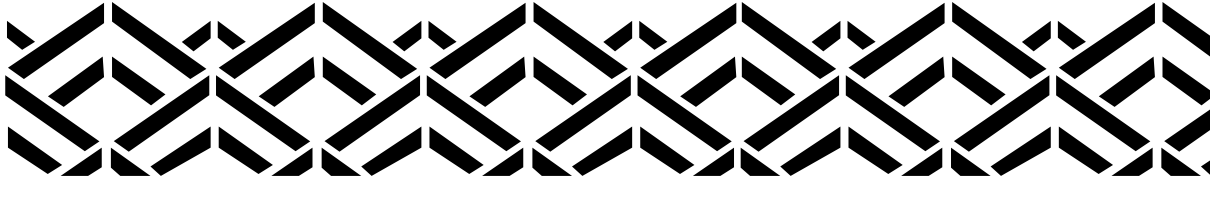
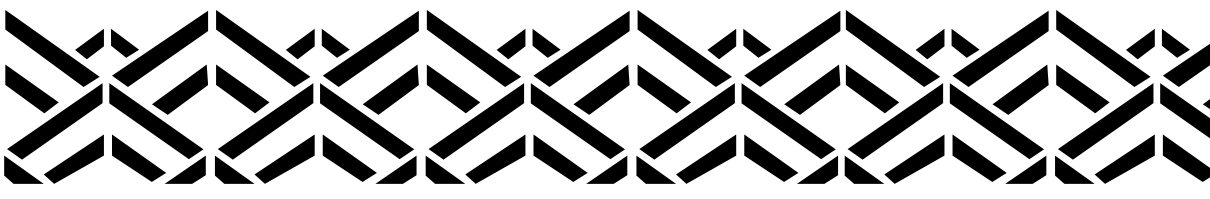
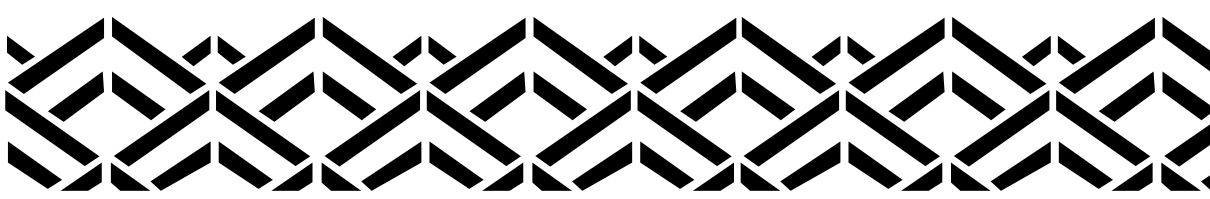
Takwapu — instrumento de taquara (bambu) que as mulheres usam para fazer o som dos cânticos Guarani;

Txamõi — homem mais velho;

Txamõi kwery — rezadores;

Weradju — raio.

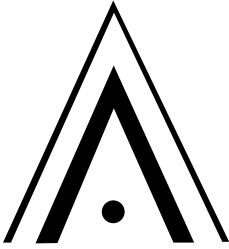






INTRODUÇÃO





minha voz não fala sozinha. A minha voz grita e ecoa no coletivo. Eu venço e venço todos os dias porque eu sou muitas. Sou uma mulher indígena e todas as vezes que alguém me ouve, venço também. Porque fui silenciada desde a infância. Desde a infância, todos nós, povos indígenas, fomos silenciados. Eu não compreendia bem como isso acontecia, mas o fato é que acontece.

Por muito tempo pensei em ressignificar a minha vivência, minha experiência, a minha realidade, mas conheci uma mulher indígena que se reencontrou com o seu “Eu” Macuxi, minha parenta e amiga amada Julie Dorrico, que me disse: “Não, você o tempo todo re-existiu, parenta, essa é a verdade”.

A reflexão me levou por caminhos tão vastos pelos quais eu caminhara e a memória adormecida das minhas ancestrais sob a disciplina de ordem do imperialismo não me permitiu reconhecer. Eu despertei com a lança, com o Takwapu, com os arcos e flechas, com os *Mbarakas* todos em minhas mãos, pronta para a maior batalha da vida de uma guerreira guarani.

Quem passa pela dor do quase apagamento da identidade, da desumanização, sabe que é uma guerra, uma luta desde o chão da nossa aldeia, como diz o professor, intelectual e referência para nós, Gersem Baniwa. Então, sim, eu sou uma guerreira, escolhida pelo meu Deus (*Nhanderu*) para levar uma mensagem e lutar pela autonomia e protagonismo não somente das mulheres indígenas no contexto do conhecimento na esfera dominante, mas da juventude indígena, que será líder das nossas causas, aqui especificamente da esfera universidade. Um espaço que limita a nossa presença e nos mantém como dominadas/os.

Luto pela atuação das vozes de mulheres indígenas no combate ao racismo que nos exclui do espaço acadêmico. Acordei com a Lança da educação indígena, o som do *Takwapu* da capacitação

dialógica, com os *Mbarakas* da educação humanizada e com os arcos e flechas do combate ao racismo no ensino superior. Quero transformar todas essas práticas educacionais e humanas com e para o ser humano a partir da história do meu povo, que é contada oralmente pelos nossos sábios e sábias velhas originárias do território chamado Brasil e pelos nossos parentes¹ escritores que já conseguiram com muita resistência imprimir as suas sabedorias em folhas de papel.

18 A escrita, como modelo de saber ocidental único e válido, tem excluído os saberes tradicionais ancestrais dos povos indígenas e nega o direito de teorizar tais saberes como conhecimento do que é ser humano e a potência da luta destes para a proteção do mundo que todas as espécies viventes habitam. Precisamos apresentar a nossa perspectiva, a nossa linguagem, a nossa voz. A história sempre foi contada por quem integra o “poder” e é capaz de tudo para não perder esse poder, pelo privilégio de quem podia dizer o que era humano e o que não era, o que merecia ser destacado e o que deveria ser apagado da história, para poder perpetuar o controle sobre o Outro, ou seja, os povos indígenas.

Nós, como povos que transmitem o conhecimento via oralidade, que temos nossas escritas específicas, como a pintura em grafismos na pele, por exemplo, tivemos negada a nossa existência humana por não ter, durante muito tempo, nossos saberes registrados em códigos semelhantes ao ocidental: a escrita no papel. Dessa forma, ficamos sob tutela para que decidissem absolutamente tudo sobre nós, nossos corpos e nossos territórios. Tudo isso sempre foi justificativa para escreverem e criarem conceitos

1 O termo “parente” é utilizado em referência a todo e qualquer sujeito indígena, independentemente de suas origens étnicas e/ou de eventuais laços sanguíneos.

sobre nós. O que constituiu uma base para a real situação em que vivemos por mais de quinhentos anos, a marginalidade.

O que vivemos atualmente é resultado de um projeto muito bem construído por uma parcela da sociedade que não está disposta a se responsabilizar e reparar o dano, a violência contra os corpos-territórios indígenas. Há espaços para nós, o que não existe é a “boa vontade” de nos devolver o direito de falar no centro, no qual possamos reivindicar direitos, e é justamente para não reivindicar tais direitos que somos limitados a acessar os espaços de poder, controlados sob as rédeas do imperialismo e suas práticas de extermínio.

Os espaços que estamos acessando com muita resistência ainda não são o suficiente para conseguirmos defender nossos corpos-territórios. É necessária muita mobilização no sentido de lutar por presenças indígenas nas universidades, pois se é nesse espaço que foram criadas e fortalecidas as práticas e o imaginário racistas sobre a diversidade cultural, é justamente aqui que construímos as ações de combate ao imaginário ocidental sobre as vivências indígenas. As evidências comprovam essa realidade, quando pensamos em presenças indígenas no espaço acadêmico, assim como em muitos outros, porém, falamos aqui nesta perspectiva porque é o objetivo estratégico dessa obra.

Para falar de espaço acadêmico, ensino superior, universidade para indígenas, é necessário voltar à história, não porque nos interessa e nos representa, mas para compreendermos as respostas que recebemos em contrapartida sobre o nosso acesso à esfera acadêmica. A negação do direito de permanecermos nesse lugar. É indispensável analisarmos as fases pelas quais a educação básica oferecida às pessoas inferiorizadas passou, embasada no diálogo dos interessados, no questionamento crítico de tais fases para compreendermos a limitação das presenças indígenas no ensino superior.

As crianças indígenas começaram a receber um ensino que instituiu a educação diferenciada a partir da Constituição de 1988. Um ensino semelhante a um parto mingüado, com muita dor e sofrimento, surgiu resistindo, mas com poucas chances de sobreviver. Essa educação diferenciada é filha da disciplina e da ordem, do colonialismo e da resistência. Ela surge como um marco, como uma conquista, mas é necessário pensarmos como foi a inserção das primeiras instituições de ensino nas terras indígenas e quais eram os objetivos dessas práticas.

20

O imperialismo, pai do colonialismo, com as suas mais variadas faces, com enfeites diversos, foi detalhando com muita audácia todos os passos para manter o controle das vidas indígenas, quando a ordem “fugia” ao controle, estas vidas eram silenciadas e/ou apagadas. As atrocidades que os mais velhos contam sobre as famílias destruídas para manter a ordem não são poucas, principalmente nos estados que sustentam a situação econômica do país. Dentro das reservas indígenas foi estabelecida uma organização que resultou de práticas genocidas, etnocidas, exterminadoras. A língua materna proibida foi uma das primeiras e principais intervenções para que não pudessem dialogar sobre estratégias para escapar dos atos de tutela, desumanização e extermínio.

A educação escolar que antecede a diferenciada tinha como protagonistas os educadores que oprimiam as crianças indígenas com castigos severos, alegando ser este o modelo de civilização. Para não falar somente do ensino escolar, vamos conhecer mais práticas do imperialismo. Dentre as imposições religiosas e dos saberes que organizavam o núcleo familiar das pessoas indígenas, ou seja, imposições que vinham das famílias de sitiantes, fazendeiros e os chefes de posto inseridos nos espaços indígenas, e ainda os posseiros, as pessoas encarregadas de invadir os territórios amparados com armas de fogo, carregavam consigo a tarefa de “educar” o comportamento dos homens, das mulheres, dos

jovens, dos velhos e das crianças, construindo um processo de “amizade”. Tudo o que se via no cotidiano dos sitiantes, fazendeiros, posseiros e chefes era o “exemplo” de conduta nos quais deveriam se enquadrar.

Estas práticas exemplares se resumem em poder e controle total dos corpos-territórios. Aos poucos, as terras arrendadas eram vendidas, muitas das pessoas indígenas tinham que concordar e aceitar fazer parte das ações desonestas ou então sofriam torturas e exílio, como relata uma mulher guarani nascida em 1953, que viu e vivenciou incontáveis violências. Até hoje, a justificativa para a venda de grande parte dos territórios indígenas é a de que não há interesse em cultivar a terra, que as pessoas indígenas são preguiçosas e desleixadas. Esse é o discurso para a apropriação do que nós consideramos vida, a base do nosso sustento, que é a Mãe Terra, da qual não nos interessa extrair riqueza material. Porque essa Mãe Terra, que tanto se defende dentro de um Território Indígena, é a mãe de todos, indígenas e não indígenas. O imaginário construído pelos invasores é aquele do reforço dos estereótipos e da limitação.

Prestemos atenção nas famílias indígenas, nas suas formas de plantar e de se sustentar do que a terra oferece. Não é do nosso interesse possuímos extensas plantações para acumular fortunas; o que nos preocupa é se, na hora da refeição, teremos o que oferecer aos nossos pequenos, se quando a chuva, o frio, o vento e o sol vierem, nós teremos onde abrigar a nossa família. O que podemos observar é que atualmente há, infelizmente, a dura realidade da falta de condições para muitos e ótimas condições para outros. Essas condições boas dentro das comunidades indígenas é o veneno que embebedou muitos espíritos e continua a ir cada vez mais fundo na nossa terra moldando a individualidade, a competitividade e a falta de afeto que contraria a base que fundamenta o sentido coletivo de agir. A semente ruim que os líderes chefes, brancos, deixaram quando agiam violentamente para controlar.

Plantaram a sementinha da individualidade e essa brotou e cresceu, enfraquecendo a luta e produzindo miséria, em muitos sentidos.

A ideologia enraizou e se impregnou de tal forma que todos nós somos vítimas disso. Tudo o que foi citado aqui para exemplificar um pouco da nossa atual realidade não está nem na metade da explicação do que foi e ainda é a colonização para os povos indígenas. Primeiro, houve o intenso trabalho de excluir a língua materna, depois veio o direito à “educação”. Os professores protagonistas do tal ensino eram autoritários e abusadores, contribuíram para identidades apagadas, silenciadas e existências vazias de sentidos à visão psicológica das pessoas indígenas. Seres feridos, oprimidos, reprimidos.

22

Fomos educados para nos sentirmos inferiores em todos os espaços, porque o sentimento de inferioridade trava o nosso maxilar, literalmente. Não conseguimos muitas vezes falar o que dói em nossa memória e corpo. Não conseguimos contar os nossos saberes e propagar nosso conhecimento, nas instituições de ensino e muito menos na e para a sociedade. Atrofiaram o nosso prazer de levantar a voz quando anularam nossas memórias. O ideal de conceituar feio e bonito, certo e errado deixou em nós a marca do silêncio para não falar “besteira”. Quando nos questionam sobre nossas palavras, nos dizem “você é muito quietinha/o, tem que falar mais”, ou quando nos elogiam pela boa dicção, nos dizem que para uma pessoa indígena “até que falamos bem”. Então, temos medo e vergonha de errar, porque o saber considerado válido e prestigiado não nos representa e nós não o dominamos, não faz sentido para nós, por isso não queremos errar no campo acadêmico, ou em qualquer outro espaço, no qual o nosso intelecto seja atacado. No caso da universidade, somos anulados pelas próprias disciplinas que a matriz curricular carrega quando oferece um saber único e válido, o saber ocidental.

Desde o ensino básico, a educação não nos encanta, começa na limitação do espaço, uma sala onde todos são direcionados para uma pessoa só e, em muitos casos, essa pessoa é um agressor (vários relatos de amigos meus dizem sobre as agressões sofridas). Mas os pais indígenas também eram impelidos a concordarem com essas ações, eram subordinados pela falta de estrutura e condições de vida, uma vida em que nunca levou em consideração os nossos valores.

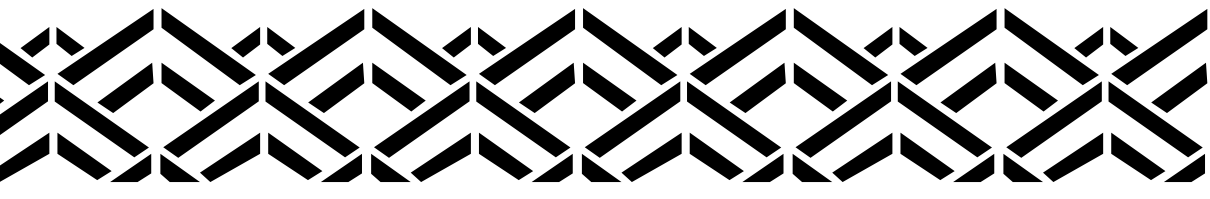
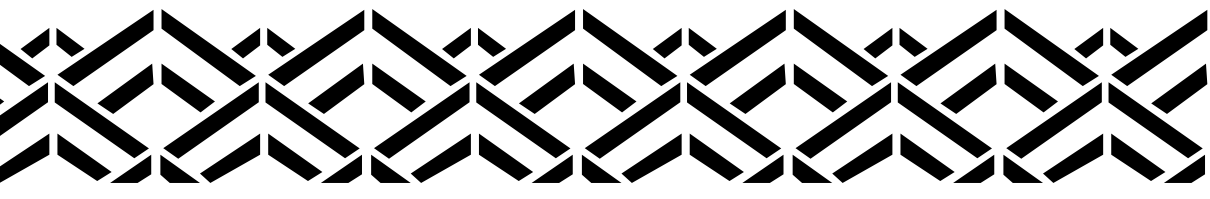
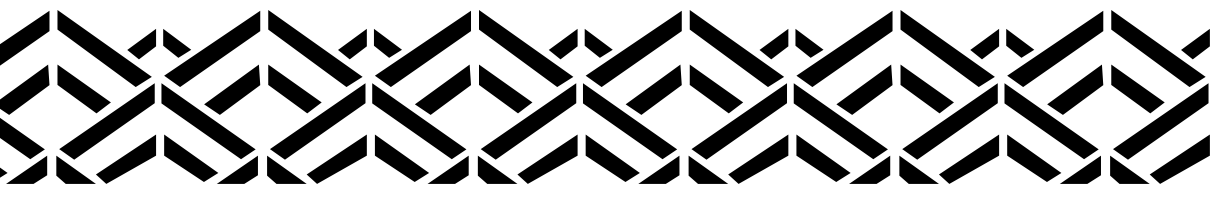
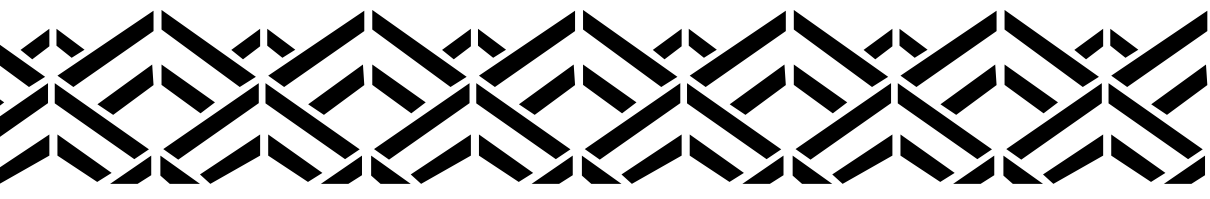
Aprender deveria ser algo prazeroso, como nos antigos territórios, nos quais a juventude indígena se banhava ribeirão afora, seminus, e não havia “maldade” (relato de uma guarani dos anos 50), não estamos tão longe assim.

O que aconteceu foi que tais práticas eram vistas como inadequadas para a civilização, mas ali muito se aprendia sobre o respeito e autonomia do corpo e da responsabilidade para criar relacionamentos. Aprendia-se quase tudo brincando. Na casa de reza (*oy guasu py*), não era diferente, iniciavam o *Nhemongarai* à *Nhanderu* com cantos e danças, trajés e adornos de extrema beleza (não era uma obrigação) e também não rotulavam as pessoas como mais ou menos importantes, bonitas ou feias, essas falácias não nos pertencem. Ficávamos todos na posição de círculo. Cada um recebia o seu nome ainda na infância, por meio da crisma, cerimônia para receber nomes de acordo com a personalidade e características das pessoas. Era sempre uma festa, para isso, todos se preparavam espiritualmente. No próprio nome carregavam o seu Eu, seu valor, a sua existência.

Agora que sabemos alguns detalhes do ensino na comunidade indígena, especificamente a guarani *nhandewa*, é necessário explicar que esses ensinamentos foram configurados em um molde que não é visto como válido nas esferas públicas dominantes, onde o conhecimento universal é considerado o único válido, ou seja,

o ocidental, do europeu, do colonizador, que anula a sabedoria milenar dos diversos povos indígenas dos territórios brasileiros.

A reflexão sobre esse cenário nos leva a compreender a limitação da sabedoria indígena nas diversas esferas públicas, e aqui falamos especialmente do ensino superior. Tudo isso foi necessário, controlar os grupos, silenciar, apagar, exterminar para permanecer no poder e decidir sobre o futuro da vasta existência dos corpos indígenas.





PARTE 1

**GÉSSICA
NUNES
GUARANI**



ANCESTRALIDADE GUARANI



Mais um sábado no meu paraíso. Hoje eu fui fortalecida pelas palavras de mãe que me disse:

Minha filha, tive um sonho, vi muitos dos nossos parentes dançando pintados para a guerra. *Nhanderu* vinha nos buscar - nesse momento ela chora.

Era um momento muito difícil. Ouvi da minha mãe e ela me disse

Estude minha filha, faça por todos o que você acredita que é bom
Deus guarde o seu caminho!!

E assim eu vou!

Estude, minha filha!

Quando nasci, lá no rancho, a parteira gritou
É mulher guarani, que *Nhanderu* lhe enviou
Mas ela não é sua, vem para atrapalhar
O poder do homem mau, que quer nos exterminar

Ela luta por um bem, que vai muito nos valer
Escolheu o mundo das letras do branco
Essa ferramenta bruta, ela precisa conhecer
É com ela que vai buscar o nosso direito de viver

Se é papel que eles querem, vão ter que assistir
Ela colecionando os títulos e mostrando o que é resistir
Não vai brigar como guerreira que era na outra vida
Vai lutar com caneta e papel, igual no cordel da Auritha



A história sempre foi contada por quem integra o poder, pelo privilégio de quem pode dizer o que é humano e o que não é. Tudo isso para perpetuar o controle sobre o “Outro”, ou seja, os Povos Indígenas. Nós, como povos que transmitimos conhecimentos via oralidade, tivemos nossa existência humana negada mais de uma vez pelo discurso de extermínio: o fato de não termos os nossos saberes registrados em códigos semelhantes ao ocidental, a escrita no papel.

Essa, na verdade, sempre foi a justificativa para criarem e escreverem conceitos sobre nós, o que define o status de marginalidade.

30 O que aconteceu é que só mereceu fazer história e estar na história quem fez parte do “progresso”, é o que eu sempre vi nos livros didáticos, nas escolas. É o que vemos nas grandes avenidas com frequência, nomes dos “heróis” colonizadores. Há espaço para nós, o que não existe é a intenção de nos incluir ao “centro”, onde possamos reivindicar direitos. Os direitos que surgiram pelas mãos dos nossos e nossas líderes indígenas são originários de um parto minguido da filha do colonialismo e da resistência. O primeiro é a disciplina de ordem do imperialismo e o segundo é a articulação estratégica dos povos para sobreviver: vieram a romper o dia com muita dor na Constituição de 1988.



É sobre ocupar espaços que são nossos, mostrando nosso lugar de fala. As minhas dores nunca serão motivo para parar; a minha voz não fala sozinha, ela é coletiva, ainda que não faça sentido para muita gente. Nesses dias, ultimamente, as feridas que o colonialismo deixou estão doendo bastante, então eu paro, fico em silêncio

e busco a memória adormecida de minhas ancestrais na voz de minha mãe que diz:

Você foi escolhida, continue, não importa o que aconteça, não importa o que pensam, ninguém apaga o que você é.



Resistimos porque ouvimos histórias das mães. Eu mesma, sempre, só tive mãe! Ouvia e ouço muitas histórias de quando projetaram o lugar de pobreza e nos colocaram lá... Histórias de quando os territórios Indígenas foram invadidos e as etnias foram oprimidas e exterminadas. Histórias de quando os líderes eram exilados num lugar distante para morrer pelo “erro” de querer viver. Re-existimos quando tiraram nossos valores no ensino básico, umas das mais violentas formas de apagamento da nossa identidade.

31

Re-existimos os dias longos e frios sem colo, porque o nosso colo era o sustento e o sustento era a mãe nas roças arrendadas para brancos...

Re-existimos porque ouvimos histórias das ancestrais, das líderes que nos guiaram no ânimo e no espírito encorajador.

Quando me perguntam por que eu não adoeci com tanta violência, eu digo: porque eu tenho ancestralidade — o meu Eu criança dentro do meu espírito!

Força e ânimo, parentes, se cuidem.



A criança indígena conhece a re-existência no minuto em que seu coração começa a bater. Quem vive a realidade da opressão sabe que não ressignifica os sentidos, a gente re-existe a todo momento.



E hoje está doendo bastante! Inferiorizar existências indígenas por meio dos estereótipos e da generalização é racismo em massa. É desumano.

32 É controlar para se manter no poder, é estrutural. Uma intenção de escravização, controle, limitação e extermínio. Não romantizem as presenças indígenas no ensino superior, isso também é inferiorizar. Estar no ensino superior, para nós que nunca tivemos privilégio algum, não é simplesmente belo. É potente! É re-existência! Não permanecer no ensino superior não é sinal de incapacidade, é exclusão violenta! Não ter as referências indígenas abordadas no ensino superior é silenciamento e apagamento de identidades.

As feridas do colonialismo que estão abertas em nós.
E hoje está doendo bastante...



No nosso território tem esse veneno: aqueles que não têm coração indígena. Juntas/os conseguimos, juntas/os somos mais fortes! Abrimos aqui um espaço de reflexão que, como não cansamos de dizer:

Começa no chão do nosso território.



Reflexão da nossa realidade de medo, vergonha, desavenças, individualismo, falta de afeto, miséria e toda violência que o imperialismo deixou.

É sobre nós, é sobre as feridas, é sobre as vidas que se vão aos poucos com a atualização do imperialismo nos territórios indígenas. É para limpar do nosso chão o veneno que deixaram encharcando o nosso corpo-território.

33

É um trabalho de formiguinha que, se você me der a honra da sua presença nesse pensamento coletivo, descolonizador, a gente muda essa história! O perigo está dentro da nossa mente/território desde a invasão. O racismo que vivemos ainda é gritante, os estereótipos escorrem como enxurradas e, perceba, precisamos fazer algo. Quem começou tudo isso? Não foi aquele que entrou com promessas de proteção? Estuprou nossas mães? Venderam nossos filhos? Exilaram e assassinaram nossos líderes? Aqueles que violam nossos corpos/espíritos/territórios até os dias de hoje?



Essa luta é coletiva e nós vamos juntos! Quem sabe de onde vem a sua origem, a dor que sente e que deseja curar, sabe que a luta começa desde o chão do território. Desde o ventre das nossas ancestrais. Desde que o imperialismo nos silenciou, anulou e violou nosso corpo-território, nós já sabemos o que é resistência.

A nossa identidade reconhecida e defendida numa força coletiva é a nossa chave para o ensino superior. Não dá para dar dicas, a nossa resistência fala por nós. Se não nos representa, não é a nossa voz. A resposta é: nós podemos te ajudar! Vem aí o mergulho no rio da universidade Território Indígena. É como dizem no mundo da novidade “imersão”. Estou indo à universidade, lá é meu território. Se você sabe quem você é, a jornada já se iniciou. Para quem sofre na pele a dor, desumanização, silenciamento e anulação da identidade, dicas não existem.

Não existem dicas para se sair bem na universidade: a luta começa no chão do nosso território!

34



Aprender deveria ser algo prazeroso, como nos antigos territórios, nos quais a juventude indígena se banhava ribeirão afora, seminus, e não havia “maldade”. Relato de uma mulher Guarani dos anos 50, não estamos tão longe assim, não podemos perder de vista o que é viver no coletivo.



O que aconteceu foi que tais práticas eram vistas como inadequadas para a civilização, mas ali muito se aprendia sobre o respeito e autonomia do corpo e da responsabilidade para criar relacionamentos. Aprendia-se quase tudo brincando. Na casa de reza, *oy guatsu py*, não era diferente, iniciavam o *Nhemongarai à Nhanderu* com cantos e danças, trajes e adornos de extrema beleza, não era uma obrigação, e também não rotulavam as pessoas como mais ou menos importantes, bonitas ou feias, essas falácias não nos pertencem. Ficávamos todos em posição de círculo. Cada um recebia o seu nome ainda na infância, por meio da crisma, cerimônia para receber e nomear de acordo com a personalidade e característica das pessoas. O nome era dado, por exemplo, dependendo da época em que a criança nascia, ou de acordo com o comportamento dela nos primeiros dias de vida. Observava se era uma criança calma ou mais agitada, quietinha ou brava, etc. Era sempre uma festa. Para isso, todos se preparavam espiritualmente. Carregamos no próprio nome o nosso valor.

35



No mundo indígena, existe imensa diversidade cultural. Há povos que vivem precariamente, em minúsculos espaços de terra que são intitutados como pertencentes ao Governo Federal. Há histórias de nossos anciões e anciãs que mostram as passagens dos momentos de terror da opressão em reservas territoriais (memórias de uma sábia velha guarani). Os fundamentos da existência dos diversos povos estão em suas vozes orais, que o silenciamento tornou histórias que não mereceram ser contadas e registradas na linguagem ocidental. Histórias de cura do corpo, da alma, da Mãe Terra e

inúmeras lutas por sobrevivência. Nos territórios tradicionalmente ocupados estão os saberes dos anciões da comunidade.



36

A reflexão sobre esse cenário nos leva a compreender a limitação da sabedoria indígena nas diversas esferas públicas, principalmente nas instituições de ensino. Ao branco, foi necessário silenciar, controlar, anular, exterminar e apagar essa sabedoria indígena para permanecer no poder. E esse poder decide sobre o presente e o futuro dos povos indígenas. O roubo das terras tradicionalmente ocupadas, que eram e são territórios indígenas, não deixa de ser roubo mediante a apresentação de um documento forjado pela ordem. Buscamos aqui potencializar as práticas descolonizadoras por meio do reconhecimento das vozes dos sábios mais velhos, indígenas das comunidades de Laranjinha, Posto Velho, Pinhalzinho, todas no estado do Paraná, e das Terras da divisa com São Paulo, na região de Barão de Antonina e, finalmente, das Terras de Araribá – SP.



ANA TAKWA (Guardiã da OY GWATSU)

Ela, com dedicação, cuidado e concentração, preparava velas da cera das abelhas Jataí — sagradas para os Guarani *Nhandewa*.

Chegava antes do que todos, colocava as velas desde a porta da casa grande até certa distância, no caminho pelo qual passavam os *txamõi kwery* e as *djaryi kwery*. Assim, acendia todas as velas. Quando a noite caía sobre eles, o cenário era preenchido de sabedoria e beleza ancestral.

TAKWA era rezadeira forte também e, antes de cuidar da *OY GWATSU*, ela participava de uma cerimônia de purificação, pois era uma kunhã que recebia muita sabedoria.

ANA TAKWA cuidava da *oy gwatsu* — casa grande, casa de reza — na comunidade indígena Laranjinha-PR.

Autoria indígena pela oralidade de Selma Lourenço, mulher Guarani *Nhandewa*.



NHANDERU EXPULSA UM CHEFE ABUSADOR

Não faz muito tempo. Chuva, relâmpagos e trovões abalavam a estrutura da aldeia naquele dia e, ainda, *djopya* retá e uma cavalaria desciam do morro no canto da aldeia, por detrás da casa do chefe de posto.

Assim dizia o opressor ao adentrar o rancho em péssimas condições do guarani Francisco Lourenço: socorro, seu Francisco, estão me perseguindo, tem muitos policiais com cavalos atrás de mim, me ajude por favor!!!

O Vovô Francisco deixou seu rancho e foi verificar o que havia acontecido, quando a chuva deu uma acalmada. Chegando na casa (sede), não viu nada. Apenas chuviscava bem de mansinho.

Há longo tempo se fazia doce de banana e enviava para a cidade grande. No Território Indígena havia uma enorme plantação de bananas e cada família de indígenas precisava levar uma espécie de “ticket” para poder levar um cacho. Quem pegasse sem autorização era punido severamente, mas ninguém investigava esse e outros acontecimentos (se fizesse, era transferido para um lugar muito longe, sozinho ou com toda a família — assim todos aprendiam a não se meter nos negócios do chefe de posto).

Nhanderu, o Deus nosso, dos Guaranis, interveio pelo povo que ali vivia, onde a vida era tão difícil e miserável para muitos.

No outro dia, sem saber a causa real, o chefe que comandava a aldeia pegou sua família, retirou-se para a cidade de onde viera sem explicar nada e nunca mais voltou. Na verdade, quem havia enviado o exército espiritual para defender os Guaranis foi *Nhanderu*.

38 Assim, ainda que com muita resistência e violenta mudança em sua realidade, o povo guarani do Norte do Paraná, apesar de tanta perda, recomeça a sua autonomia.

“Aconteceu quando eu era criança” diz Selma (*kunhã weradju*), hoje com 66 anos. Síntese do Caderno de Memórias Guaranis².



COBRA VERDE

Sua mãe, “tia Maria”, morreu na porta do rancho, com um tiro no peito.

2 Caderno em que a autora reuniu histórias de seu povo, mas ainda não foi publicado.

Conta-se que, naquele dia, Estevo (cobra verde) havia pedido um pedaço de terra para o plantio, mas “essa terra” estava arrendada ou coisa assim.

O fato de o “índio” se meter nos negócios — política interna de organização pelo chefe de posto na reserva indígena — deixou muita gente furiosa.

Foram procurá-lo para “uma conversa”, da qual sua mãe o quis poupar. Não teve mesmo conversa. Na mesma tarde, o sangue de “tia Maria” pingava no chão do rancho no mesmo ritmo triste e ensurdecedor. Um tiro no peito.

Cobra Verde, como ficou conhecido, foi transferido para uma terra distante, enquanto sua mãe foi enterrada. Por sorte ou não, com muita dificuldade ele escapou do seu segundo terrível destino quando, no lugar para onde fora enviado como escravo, foi avisado pela lavadeira que iriam acabar com a sua vida.

Tempos depois, morreu na Terra Indígena, na região de São Jerônimo da Serra, como alcoólatra. O seu terceiro e último terrível destino.

Fragmentos de uma vida.

História completa: Caderno de memórias Guarani *Nhandewa*.
Contada por uma liderança indígena

39



UMA PARTEIRA INDÍGENA

Vó Paulina, foi ela quem ajudou a vir para o mundo muitas das lideranças indígenas na aldeia Laranjinha-PR.

Contava as luas, ia visitar a futura mamãe e dizia: “Hoje você vai ter seu bebê, minha filha” — tudo na língua guarani *Nhandewa*.

Uma das mulheres disse: “Olha, tia, eu não sinto nada, não tenho dor, tô bem...”.

Mas ela já sabia que estava na hora!

Não adiantava teimar. A parteira Paulina arrumava tudo, os remédios, o lugar e, então, era só uma questão de horas.

A sabedoria dela era tanta que até mulheres não indígenas pediam para que ela fizesse os seus partos.

Mulher forte, personalidade forte, não veio para brincar com o que *Nhanduru* a tinha designado, pois ela não “judiava” de suas pacientes, sabia exatamente o que fazer e, assim, conquistava a mulherada. (Relato da tataraneta)

*Um relato construído por dois:
sobrinha, Selma Lourenço/
tataraneta, Cristiane Ferreira da Silva Ezau*

40



Essas histórias mostram o valor que tem para a nossa escola a voz dos sábios velhos da comunidade. Eles possuem muito saber e podem contar a verdade sobre quem somos de fato e o porquê de tanta desumanização.

Poderia relatar muitas passagens aqui, mas elegemos essas quatro como a nossa partida para a busca de uma reparação e responsabilização dos educadores, líderes da educação de qualidade que tanto desejamos.

Estas histórias são verídicas, foram contadas 27 anos depois do meu nascimento. Selma, mulher Guarani, mãe de dez, foi quem presenciou essa realidade, vivida na sua infância. Ela carrega

consigo muita informação sobre o que, atualmente, o nosso Estado é em relação às vidas indígenas daqui.

Essa sabedoria é digna de ser contada na escola da comunidade, pois fala de direitos negados e do saber medicinal de uma parteira indígena, sem mencionar os outros relatos de resistência que ela faz. A hora em que estamos em silêncio, ouvindo o que nos diz um/a ancião/ã indígena, é o momento mais importante para a nossa aprendizagem na comunidade.

Eles não ensinam somente comportamentos diante da vida material, mas sempre nos falam de sabedoria espiritual, o que nos permite reconhecer a base do respeito para com o “Outro”, tudo aquilo que “não somos, mas é o outro”. Tudo o que nos ensinam nos fala de coletividade, democracia, humildade, amor, respeito e o que nos permite viver em intensa harmonia com o que *Nhanderu* nos deu.

Fomos obrigados a esquecer ou, pelo menos, a adormecer em nossa memória todos esses ensinamentos, quando invadiram o nosso território e tiraram a nossa língua (Guarani). Pelas histórias que ouvimos, também sabemos que essa etapa do projeto desumanizador foi debaixo de muita violência física e psicológica, que até hoje nos fazem sentir vergonha, medo, inferioridade, incapacidade e tantas outras coisas ruins que restaram para nós. Uma dessas verdades é a nossa presença escassa no Ensino Superior, o que para nós ainda é muito controlador, de um sistema racista e imperialista.

41



A realidade é que sempre houve muita violência contra nós. Os chefes partiram, mas deixaram impresso em muitos o individualismo, o veneno que escorre pelas nossas terras e destrói a

coletividade. Isso resulta na disputa por enormes espaços de terra para pasto e monocultura. Resulta em boas condições de vida para alguns e péssimas condições de vida para outros. Desde quando isso vem acontecendo, somente quem pode contar são os nossos velhos. O que estamos preparando para o futuro da nossa juventude?

Quem é que pode nos contar como esse projeto se iniciou, o seu processo para chegar onde estamos, são os nossos velhos. Eles sabem disso e muito mais. Sabem contar quem e como eram nossos líderes espirituais e toda a geração que nos formou até hoje.



42

O meu tempo é de luta constante por ser um corpo indígena. Hoje, faço desse orgulho de pertencer a uma nação guerreira o meu propósito de apoio aos irmãos e irmãs que estão na linha de frente, em Brasília, pela eliminação do PL 490, QUE QUER NOS MATAR!

O PL 490 vai legalizar o genocídio: nossos territórios ficarão expostos ao prazer do extermínio dos povos indígenas... invadirão (novamente), farão garimpo, abusarão das nossas vidas, nos matarão e esse extermínio será legal.





**SER GUARANI,
SER MÃE
E SER MULHER**



O grande marco não são todas as experiências. É quando você decide deixar aquilo que não te faz bem. Assumir as responsabilidades não é fácil, mas se conformar com a realidade indesejada é morrer todo dia um pouquinho. Desafio é vencer todo dia uma luta contra você mesmo. Não tenho vergonha da minha história. Eu tenho vergonha é de não fazer nada por mim mesma!



A transição de mulher indígena para o reconhecimento do meu duplo pertencimento — mulher indígena pertencente ao universo acadêmico — me fez resistir por seis anos numa realidade que quase adoeceu o meu espírito. Isso só não aconteceu porque, no conflito da transformação, concretizei uma aprendiz que tem ancestralidade, recebe os conhecimentos e os apalpa com o coração.

45

Eu fui rejeitada em grupo de trabalho...
Eu fui acusada de trapacear em trabalho, porque eu me esforcei e “cresci”...
Eu tive o direito de segunda chance de prova negado...
Eu não tinha bagagem de leitura...
Eu não tinha a habilidade de defender a minha realidade nos debates preconceituosos...
Eu não conhecia a minha autonomia...
Eu fui reprovada por um mínimo de nota...
Porque eu não dominei uma teoria...

E tantas outras coisas que quase me vi um ser humano depressivo.

Se você é uma mulher indígena, mãe ou jovem no ensino superior, talvez já tenha passado por pelo menos uma dessas situações e, se não passou, conhece alguém que já. Se você não se encaixa nesse perfil, conte para alguém que precisa saber disso: sou uma Professora/Palestrante da realidade indígena. Vou pegar na sua mão, mostrar essa caminhada e te ajudar a se preparar para esses desafios!

Vocês não estão sozinhas(os)!

Para muitos, o diploma não é nada!

Para um povo que vê constantemente seus direitos serem violados, o ensino superior é uma ferramenta de extrema importância!

O meu papel como professora é oferecer suporte para esse momento. Com uma visão humanizadora, pela experiência!

46



Ei, mulher, acredite... eu sei da sua dor!

Haverá dias em que você estará disposta a colocar o mundo nas costas e sair lutando por tudo e por todos que você ama.

E haverá muitos outros dias em que você se perguntará: o que eu estou fazendo aqui?!

Isso não é para mim!

O medo, as responsabilidades, os desafios... tudo contribuirá para você deixar seu sonho e voltar para uma espécie de “bolha”.

Onde você não vai mais chorar, não vai sofrer tanto, não vai se deparar com novidades, vai ficar “protegida”.

Nesse lugar, nada vai acontecer. Nesse lugar, você não vai crescer!

Eu sei, você vai pensar na responsabilidade que firmou com sua comunidade, com seus pais, com seus filhos, enfim.

A primeira coisa que você tem que pensar é em você, pois se não ficar bem, não vai poder cuidar de ninguém.

Isso é desgastante!

Tenho duas notícias para você, uma boa e outra ruim. Se bem que eu acho que as duas são boas.

As dificuldades e os desafios não vão acabar nunca para quem deseja crescer.

Eu estou aqui e posso dar as mãos com você.

Mulher indígena, você é muito maior do que imagina!!!

Vem que eu te ajudo. Sou uma voluntária da educação humanizadora.

47



PRAZER, MULHER INDÍGENA, EM QUE POSSO TE AJUDAR?

A preocupação é com o que você está fazendo por você mesma?!
A gente deixa de ser quem é tentando seguir um padrão, mas a verdade é que nós somos sujeitos capazes de re-existir com o que

recebemos. Seja você uma jovem, mãe ou não, mas se está nessa realidade do ensino superior, não se perca lá dentro ao tentar agir de acordo com o conceito de academia em que os títulos são mais importantes do que o ser humano, a vivência, a cultura das pessoas. A Educação só será de qualidade como desejam os PCNs quando o ser humano for visto como prioridade. Por isso insisto em educação humanizadora!

Há muitos sábios sem estudos e muitos egoístas com doutorado.

Não percamos nossa essência, a imanência, não é assim??!!!



EMPODERAMENTO DA MULHER INDÍGENA NO E PARA O ENSINO SUPERIOR

O que impede o nosso avanço no ensino superior como algo que nos capacita mais ainda para a nossa luta? Saiba que existem possibilidades, caminhos, meios para construirmos um conhecimento humanizado a partir do compartilhamento das nossas experiências, dos nossos conhecimentos ancestrais, dentro e fora da universidade.

É necessário que nós, mulheres, mantenhamos um relacionamento contemplado por um vínculo muito forte com as mulheres sábias de nossas comunidades. Sejam elas mães, avós, irmãs, conselheiras, etc.

Estar em um território que sabemos que é nosso, mas não o ver sendo reconhecido dessa forma, exige de nós muita resistência e posicionamento. Para alçar voz, algo que nos leva ao empoderamento. Para agir diante dos preconceitos e das injustiças não só nesse momento, mas para a energia contínua de sabedoria que guiará os passos da nossa futura geração de mulheres.

Mulher indígena, que se reconhece assim, conta aqui o que você faz para dar e ser referência para as mulheres da sua vida, as quais você ama?



Esse papel de fazer ecoar em outros espaços a voz das mulheres indígenas — em suas experiências específicas, é claro, assim como aquilo que diz respeito a mim — é um dos meus compromissos.

Sempre, repito, sempre procuro ter respeito ao falar de realidades que não são as minhas. Hoje, como o assunto diz respeito a informar outras mulheres indígenas, eu deixo aqui a minha pequena, muito pequena mesmo, contribuição.

Considerando alguns aspectos da realidade da mulher indígena, falei sobre alguns tipos de abusos: as agressões verbais, físicas, psicológicas e sexuais. O que vale ressaltar aqui é que não domino profundamente esses campos, mas falei sobre a existência dessa realidade e que precisamos nos unir e falar sobre isso, sim.

A ideia é, aos poucos, ir desconstruindo barreiras para um diálogo que insira as mulheres e fale da sua realidade para a sensibilidade e mobilização de sua autonomia. Um desses pontos está muito ligado ao que desejo para a minha comunidade — e aqui não me refiro apenas à minha “aldeia”. A busca pelo conhecimento

sobre outras realidades que não são as nossas para fortalecer os nossos conhecimentos/saberes indígenas.

Não se vive mais com os desafios de antes, quando passávamos o conhecimento de geração em geração. Agora é o momento de pensarmos os desafios que vieram para nós, como as infinitas imposições. Por isso, essa questão nunca será esgotada em apenas uma publicação. Meu convite é: vamos refletir juntas?!

Mulher Indígena, você importa muito!



O filho ficou doente;

Perdi a data da prova;

50 Não tive chance de pedir outra data;

Levei meus três filhos para o exame final;

A professora se irritou com a presença deles;

As instituições de ensino não estão preparadas para lidar com a força dos laços entre uma mãe indígena e seu filho.

Muitos não respeitam a realidade de um(a) indígena no ensino superior.

“Eu não deixo meus filhos nos cuidados de outros — creche, quem faz isso é os brancos”, disse uma mãe Kaingang, do Paraná, quando interrogada sobre os filhos estarem juntos na venda de artesanatos, na rua.

Eu não tinha autonomia para pedir direitos, não, eu não tinha!

Assim como eu, no Paraná, há muitas mães indígenas no ensino superior precisando lidar com essas situações.

Não se cale, não faça o que eu fiz...

Quando eu mais precisei, não tive com quem contar, afinal, o individualismo é algo muito forte entre as pessoas. Já nós,

indígenas, temos um princípio muito básico da nossa realidade: a coletividade.

Precisamos falar mais sobre isso!



Em meu ritual de juramento, prometi que essa violência não aconteceria com nenhum/a aluno/a meu/minha.

Ela (Guarani): Tia, teve uma vez que, no início do ano, como sempre, a gente estava sem saber o dia certo em que iniciariam as aulas.

Eu e minha prima não tínhamos condições de comprar material. Então as aulas começaram e, para não perder o primeiro dia, pegamos um caderninho simples, para fazer anotações. Até que a vó — vó dela — pudesse comprar alguns materiais escolares.

51

Quando pegamos nosso caderno, muito simples mesmo, a professora perguntou:

Vocês não têm materiais?

Eu respondi:

Não sabia direito quando as aulas se iniciariam, por isso não pudemos nos preparar antes.

A Professora:

Ah, por isso o material de vocês tá o 'ó'.

"Tia, o que significa o 'ó'?"

Os erros?

Ela era uma profissional da EDUCAÇÃO?

Indígenas são "pobres"? Ou esse é um lugar em que nos colocaram?

A pobreza dessa pessoa violenta é a do vazio do seu espírito.

Alunos com mais “condições” são diferentes dos demais? Em que sentido?

Isso é violência, sim!



O vestibular dos povos indígenas do Paraná está chegando!

Ela passou no vestibular em 2014 para a Universidade Estadual de Maringá (UEM), saiu da sua comunidade indígena com a família para uma cidade grande e, longe, com dois filhos pequenos e sem saber interpretar o texto escrito na linguagem ocidental, fez Letras/Português.

52 Toda a aprendizagem não indígena foi muito dolorosa, ela teve que se refazer inúmeras vezes: é a resistência/re-existência para não deixar de lado essa força que carrega na sua existência.

Durante sete anos, permaneceu quase em completo silêncio, tentando assimilar as dificuldades enfrentadas — acredite, não foram poucas —, muito diferentes da realidade que era a sua, da Terra Indígena.

Começou um trabalho constante de publicação de várias aprendizagens com referências indígenas nas redes sociais.

Foi por uma postagem fortalecendo a luta dos Guaranis no Instagram que ela teve a última palavra de uma liderança guarani da Terra Indígena de Pinhalzinho para atuar como professora no ano de 2021.

Atualmente, articula a ideia de escrever seu primeiro livro³.

“Se eu soubesse, tinha começado antes!!!”

3 Nota da organizadora: não é que o livro saiu?

A nossa luta começa no chão da nossa aldeia, disse Gersem Baniwa.
Prazer, Professora Géssica Guarani Nhandewa, em que posso te ajudar?



ESSES “VALORES” NÃO SÃO MEUS!

Quando criança, nunca entendi alguns ensinamentos que insistiam em permanecer no âmbito familiar, valores que não faziam/fazem sentido para uma pessoa indígena tão pequena.

A menina Indígena se preparar para ser boa dona de casa, cuidar de todos em primeiro lugar e só depois cuidar dela mesma?

Para “arranjar” um bom marido? Se não cuidar direito da casa, vai apanhar e o marido vai procurar outra?

Os meninos se dedicarem à extensa plantação, em que terra? Adquirir pequenas fortunas com criação de animais? Senão nenhuma mulher vai o querer.

Aprender a se responsabilizar caso a imposição não fosse executada com sucesso?

Para ser alguém na vida?

Engraçado que, quando o assunto era estudar, dificilmente se ouvia um discurso favorável. Educação escolar para atuar nas esferas diversas, não, isso não!!!

Definitivamente, esses valores não eram/não são os nossos.

As colônias que cercavam as comunidades forçavam, em nome do império, tais práticas, tirando dos jovens indígenas os seus

próprios valores, as suas práticas tradicionais, fazendo-os acreditarem que a forma ideal de organização era a daquelas colônias.

As colônias que, aos poucos, iam comprando parte dos territórios, iam retalhando os espaços e as vivências indígenas, impondo seus costumes.

Fomos ficando acuados. As mães, os pais, os irmãos pegavam o caminhão da “boia fria”, ou então viam seus pequenos passarem fome.

E assim as crianças eram educadas para o trabalho escravo nas mãos das senhoras dos chefes e nas mãos das professoras violentas.

“Aceitem que seus filhos sejam punidos, eles são rebeldes, vocês não vão querer que eles se apresentem assim na sociedade!”

Então, nas salas de aulas, as crianças indígenas aprendiam a “obedecer” com parte de seus membros feridos — minha irmã teve a orelha descolada num puxão!

54

As colônias eram referência de como as comunidades indígenas deveriam se organizar.

Os postos coloniais também eram cenários culturais que salvaguardavam ou representavam a imagem do Ocidente ou da “civilização”.

Hoje, perguntam: “nossa, você é indígena, mas não fala a sua língua?”.

Da leitura de “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas”.

Essa realidade eu vivi!



Falando especificamente do Paraná, nós, mulheres indígenas, quando acessamos a esfera acadêmica, chegamos com “tudo”. Queria que esse “tudo” fosse em outro sentido, mas...

Chegamos com família, com sérios problemas financeiros e psicológicos que a sobrevivência — resultante da desigualdade, entre outras inúmeras violências — imprime em nosso corpo e em nossa forma de pensar e agir.

Temos medo, muito medo. Poderia ficar escrevendo horas e horas sobre os nossos medos, mas eu prefiro re-existir com as suas presenças e dizer que essa luta é coletiva.

Por isso estamos aqui!

Também por isso, aqui vai um texto quentinho para a sua expectativa de ingressar no ensino superior esse ano, no vestibular Indígena do Paraná.



Você deve sentir vergonha de ser “índia”: uma criança ferida, um espírito adoecendo.

Chega, ninguém aguenta mais!!!

Vamos chegando ao nosso domingo: dia em que nós, meninas indígenas, ou já estamos mortas pelo ódio, simplesmente por ser mulher, ou aguardamos, para além de todas as nossas feridas, uma passagem violenta e desumana.

Como você sabe, professora?

Desde que me vi Guarani — então corrigindo: não sou índia, sou Guarani —, fui impelida, no sentido extremo do termo, a me sentir culpada pela vergonha, pelo medo, pela tristeza, pela fome, pela solidão, pelo desvalor de ser um corpo indígena.

Agora entendo que essa cobrança nunca me feriu mais do que na minha extrema sabedoria de criança.

Eu nunca pude pensar em ser “isto” ou “aquilo” — sempre era inferior, sem expectativa, sem esperança, sem nada.

Porém, nas linhas das minhas ancestrais, que riscaram o meu corpo com o significado de guerreira, eu pude sentir o que é ser uma defensora de vidas silenciadas.

Algumas de nós, mulheres indígenas, somos finalizadas nos atos brutais de quem nos despreza, porque o nosso espírito que vem adoecendo já está um pouco morto desde que o nosso corpo/ espírito é violado. Dessa forma, perdemos. Perdemos o ânimo, a força, a esperança e começamos a aceitar as violações do nosso ser. E são violações que ocorrem aos poucos, todos os dias.

Então, não espere que os corpos violentados em vida partam para o outro plano e sejam percebidos só naquele momento de dor terrível.

56

Nossas filhas, nossas irmãs, nossas netas, nossas mulheres indígenas precisam ouvir sobre quem nós somos, por que estamos aqui, por que nossa realidade é essa e o que precisamos fazer para mudar isso; e não mais a cobrança que não constrói nada, além de violência com o julgamento de “não sentir vergonha de ser índia”.

Essa “vergonha”, posso afirmar, não surge no sentido de desprezo pela origem. Na verdade, estamos caminhando para o abismo, procurando esconder em outras existências a nossa realidade de violências e extermínio por um sistema poderoso que dita pobreza, miséria e anulação das mulheres indígenas.

Educar para a autonomia do corpo liberta da “vergonha” de ser indígena.

A escola, a comunidade, TODAS as pessoas necessitam se sensibilizar pelas vidas que ainda estão aqui, morrendo um

pouquinho todos os dias, enquanto pedem justiça por aquelas que já não conseguimos mais alcançar.



VOCÊ FOI ENGANADO POR MAIS DE CINCO SÉCULOS

Eu vou te contar a verdade...

"HistoREALIDADE"

Precisamos construir novas linguagens. Precisamos nos munir da língua do colonizador para contestar e produzir uma linguagem que nos representa. É tempo de falar da história e da realidade.

Ao escrever, assumimo-nos como sujeitos e não mais ocupamos o lugar de objeto.

A nossa verdade é a nossa história/realidade sob a nossa perspectiva de corpo indígena.

Contada pelo amor, na voz coletiva, desde as nossas ancestrais.

Há mais de cinco séculos, você não sabe lidar com o que é a identidade indígena porque o que te contaram é o imaginário da branquitude sobre como deveria ser a pessoa indígena.

Sim, afirmam que queremos tomar o que é deles, por isso temos que ser controlados: o racismo é um presente do colonialismo para nós, que vem embrulhado dentro da caixinha da negação.

Negam que estão em Território Indígena e projetam para nós esse papel de roubo. Na verdade, eles não aceitam ser o inimigo intrusivo, mostrando-se como vítima compassiva. O opressor torna-se oprimido, como dizem as palavras de Grada Kilomba⁴.

Intencionalmente, escreveram e distribuíram “conhecimento” para alienar a sociedade dizendo: “Índios: gentios, sem alma, preguiçosos, sem lei, mansos, comedores de gente, brutos, atrasados, incapazes, ladrões, ingênuos, bruxos, desumanos”, e tudo o mais que consideram ruim.

Transferiram para nós o medo de reconhecer que esse é o “seu eu”, que não aceita que o ser ruim está dentro de si mesmo. Precisam ser vistos como melhores, mais dignos, modelos ideais de humanidade. O outro é sempre o que não vale nada.

Vamos nos responsabilizar em não oferecer práticas de anulação aos corpos indígenas.

Conhecimento liberta.

Tem muito mais sobre isso, então fica aqui que vamos aprender juntas!

58



“CULTURA BEM PRESERVADA” É RACISMO! SEU DISCURSO É ESSE? REFLITA E MUDE ELE AGORA!

A percepção que abrange a maioria dos pensamentos indígenas e, principalmente, não-indígenas referente à cultura dos povos

-
- 4 De acordo com o site da Editora Cobogó, “Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise”. Uma de suas obras citadas ao longo deste livro é “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, publicada em 2019.

originários é fruto de um sistema de educação escolar submetido ao processo de homogeneização nacionalizante, que induz ao apagamento histórico oficial da inteira participação indígena na construção desse território hoje denominado Brasil.

É nitidamente sabido que, no decorrer de 521 anos, o genocídio e o etnocídio dos povos indígenas se deram mediante a desconsideração dos aspectos de vida, terra, saberes, sensibilidade, ritmos e modos de ser desses diversos povos. Essa consideração serviu/serve como base para políticas indigenistas muito distantes de revelar a consciência da heterogeneidade daqueles diversos povos. Cada povo tem sua cultura e percepção linguística, tem sua coletividade regrando seu modo de ser através de sua autonomia.

Portanto, esse pensamento — que se torna discurso — visando encontrar um povo que tenha sua “cultura bem preservada” é encarado por nós, indígenas, como mais um ataque de racismo e preconceito. Simplesmente por reproduzir o que, desde a base escolar até às instituições de ensino superior, esse falho sistema educacional certifica-se de transmitir: a prática de inferiorizar o Nhandereko — modo de ser indígena —, colocando nosso povo como inimigo a ser derrotado, integrado, dizimado e esquecido.

Para reencontrar e revelar nossa verdadeira história de luta, buscamos em nossa ancestralidade espiritual saberes passados por nossos mais velhos, juntamente com a inserção de cada vez mais indígenas na universidade. Por meio de pesquisas intercaladas com a essência indígena presente em cada um de nós, queremos realizar o processo de decolonização dessa ideologia desde o início da maldade que é e foi a colonização; essa é a luta a se realizar.

Agradeço a você que separou um tempo para ler esse texto.

Seguimos na luta, juntos somos mais fortes!!!

Articulação Universidade Território Indígena.

Porã eté Aguydjewete



EU SOU MUITAS

Muitas vezes cancelada, oprimida e silenciada. Me cobram um preço que quase ninguém está disposto a pagar. Anulam meu conhecimento, minhas lutas e o meu corpo-território.

Será que é por que nós, mulheres indígenas, ficamos na última margem chamada “o lugar da opressão”? Tudo o que vem do nosso corpo é ofensivo, o que vem da nossa memória é muito subjetivo.

O valor que eu ganho nesse caminho, não estou disposta a negociar!

Esquecem que somos as mães dos territórios, dos líderes, a base que sustenta uma diversidade de existências.

Hoje, quando fiz esses registros, eu estava há alguns minutos empoderada pela atitude de uma educadora indígena que sabe o que deseja para o seu povo. Esperava uma autoridade para assistir a minha aula.

60

Falei de identidade, literatura indígena, território, memória e origem. Como? Dá para falar de tudo isso, sim, quando se conhece a luta que faz e se acredita no que ensina.

A minha luta é por um futuro menos doloroso para as nossas crianças, velhos e velhas, todos eles sábios da nossa terra. Continuo a minha jornada pelos caminhos da educação indígena, educação escolar indígena e ensino superior para pessoas indígenas.

Eu só quero dizer:

“Nós podemos e vamos assumir o nosso lugar como mediadores do conhecimento às nossas crianças e jovens”.

Eu nunca acreditei quando me disseram que eu não tinha capacidade. Eu só estou mostrando que tenho ancestralidade e a minha sabedoria vem de lá.

Então, sim! Temos conhecimento e ele é válido!

A nossa diversidade formou todos os territórios e a universidade é Território Indígena.



A minha voz não fala sozinha, a minha voz grita e ecoa no coletivo. Eu venço e venço todos os dias porque eu sou muitas. Eu sou uma mulher indígena e todas as vezes que alguém me ouve, venço também. Porque eu, desde a infância, fui silenciada; desde a infância, todos nós, povos indígenas, fomos silenciados. Eu não compreendia bem como isso acontecia; o fato é que acontece. Por muito tempo, eu achava que resignificava a minha vivência, minha experiência, a minha realidade, mas conheci uma mulher indígena que se reencontrou com o seu “eu” Macuxi, minha parenta e amiga amada Julie Dorrico, e ela me disse: “não, você o tempo todo re-existiu, parenta, essa é a verdade”. A reflexão me levou por caminhos tão vastos — pelos quais eu já caminhara e a memória adormecida das minhas ancestrais, sob a disciplina de ordem do imperialismo, não me permitiu reconhecer. Eu despertei com a lança, com o *takwapu*, com os arcos e flechas, com os *mbarakas* todos em minhas mãos, pronta para a maior batalha da vida de uma guerreira guarani. Quem passa pela dor da tentativa de apagamento da identidade, da desumanização, sabe que é uma guerra, uma luta desde o chão da nossa aldeia, como diz o professor, intelectual e referência para nós, Gersem Baniwa. Então, sim, eu sou uma guerreira, escolhida pelo meu Deus *Nhanderu* para levar uma mensagem e lutar pela autonomia e protagonismo não somente das mulheres indígenas no contexto do conhecimento na esfera dominante — ou seja, falo aqui especificamente da universidade, um espaço que limita a nossa presença e nos mantém como dominadas/

os —, mas da juventude indígena, dos jovens que serão os líderes das nossas causas. Luto pela atuação das vozes de mulheres indígenas no combate ao racismo que nos exclui do espaço acadêmico. Acordei com a Lança da educação indígena, o som do *takwapu* da capacitação dialógica, com os *mbarakas* da educação humanizada e com os arcos e flechas do combate ao racismo no ensino superior. Quero transformar todas essas práticas educacionais e humanas em práticas com e para o ser humano.



62

Desde a infância, a pessoa indígena carrega muitos questionamentos, mas o silenciamento com que estamos acostumados a conviver desde essa fase é o que nos atravessa e fere o nosso corpo/espírito mais profundamente. Por isso, desde o ensino básico, nos perguntamos quem de fato somos, porque é nesse momento que a nossa identidade começa a ser forçadamente apagada pelos atos imperialistas, um sistema que não está disposto a corrigir o erro.



Quem passa pela dor da tentativa de apagamento da identidade, da desumanização sabe que é uma guerra, uma luta desde o chão da nossa aldeia, como diz o professor intelectual e referência para nós, Gersem Baniwa. Então, sim, eu sou uma guerreira, escolhida pelo meu Deus *Nhanderu* para lutar pela autonomia não somente das mulheres indígenas no contexto do conhecimento na esfera dominante, mas também da juventude indígena. Esses jovens

serão os líderes das nossas causas, especificamente na esfera da universidade, um espaço que limita a nossa presença e nos mantém como dominadas/os, sendo que esse território é nosso.



Eu, como mulher indígena, posso dizer que nossos conhecimentos não se limitam mais aos espaços internos de nossa comunidade. Atualmente, lidamos com situações que surgiram por diversos fatores, por muitas imposições. Isso nos faz refletir sobre a nossa realidade, os nossos direitos, a nossa vivência, os nossos costumes. A forma que vivíamos lá atrás, quando tínhamos terras, florestas e rios para o nosso sustento, já é quase impossível — precisamos continuar lutando.

63



As mulheres indígenas possuem uma riqueza de conhecimento diversificado. Elas são a base fundamental de uma comunidade, muitas vezes são elas que ensinam tudo aos filhos e como trazer o sustento para a família, trabalhando com a produção de artesanatos e a sua venda. Entre muitas responsabilidades, precisamos organizar um tempo para estudar, pois isso não é perda de tempo, mas sim instrumento e ferramenta de luta para nós, povos indígenas, nessa sociedade que nos nega sempre.





OS MEUS GUARANIS



Se não for para ouvi-los dizendo “quero ser como você” eu nem quero! Às vezes, a gente está cansada física e psicologicamente e não consegue encontrar um momento sequer para resolver o conflito interno que surge. Quando isso acontece comigo, eu corro para junto deles e brincamos muito, até que percebo que já estou recomposta e a paz me volta.

Meus filhos, minha inspiração, minha vida.



A CRIANÇA INDÍGENA

Quando nós, mulheres indígenas, ensinamos às nossas crianças os nossos valores, levamos em conta, principalmente, o ser humano que há nelas. Respeitando sempre o princípio da coletividade.

65

Atualmente, o redirecionamento, a ressignificação da oferta de conhecimento pede que os preparemos para o seu duplo pertencimento. Um ser que tenha a capacidade de afirmação de sua identidade indígena e o acesso à socialização dos conhecimentos acadêmicos, quando for esse o momento.

O momento da preparação para essa realidade começa ainda quando nossas crianças são pequenas, pois a capacidade de ressignificação da aprendizagem por parte delas é muito alta.

Juntas somos mais fortes!



Hoje, ele acordou primeiro do que todos. Pegou suas atividades e começou a fazer. Eu perguntei: “Meu filho, por que você começou sem mim?”.

Ele disse: “Porque você leu para mim que nós mesmos temos que organizar o nosso tempo de brincar, estudar, comer, etc.”

Eu só achei lindo, o resultado de diálogos entre nós, dos momentos que eu tiro para eles, para saber o que sentem, o que pensam, suas dificuldades, medos, enfim.

E as coisas são assim, temos que insistir, persistir e resistir: logo a plantinha começa a dar os primeiros frutos.

Obrigada, meus filhos! Com vocês eu aprendo a ser cada dia um ser humano melhor!



TUDO COMEÇA ANTES E PRINCIPALMENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Continuamos os comentários sobre a ordem do conhecimento válido, que é um dos obstáculos que nos limitam a avançar na realidade do ensino superior.

É necessário refletir sobre as “novas” formas de silenciamento, apagamento e invisibilização (invisibiliza-a-ção) dos sujeitos indígenas que vão se concretizando por meio da falta de espaços para essas vozes e da falta de apoio às articulações estratégicas de viver que acontecem há séculos, mas que as instituições limitam e silenciam.

A economia do “país” não aceita muito bem o saber de pensamento coletivo, que visa o bem e vida digna aos outros, ou seja, políticas públicas.

Vamos refletir sobre o saber indígena que, mesmo RE-EXISTINDO, não é visto?



UMA FERIDA ABERTA

Ainda há pouco, vi parentas postando conteúdos que me levaram em lembrança, lá nos meus primeiros anos do ensino fundamental.

Dói, dói muito, saber que ainda não cicatrizou, eu revivi tudo lendo a postagem da Lídia Guajajara e os stories da Vanessa Neres.

Gente, o que é isso?!

Eu não vou deixar os meus filhos viverem isso novamente sem poderem dar uma resposta. Então, dentro da minha casa, eles ouvem muito as palavras “racismo”, “guarani”, “políticas públicas”, “direitos” e “condições de vida digna”, do nosso modo e com os nossos valores!

Eu pergunto: “Davi, você é índio?”

Ele: “Não, não sou índio, EU SOU GUARANI!”

Não deveria, mas 19 de abril ainda é uma ferida aberta!



A criança indígena conhece a re-existência no minuto em que seu coração começa a bater. Quem vive a realidade da opressão sabe que não ressignifica os sentidos, a gente re-existe a todo momento.



68

As crianças indígenas começaram a receber um ensino que instituiu a educação diferenciada a partir da Constituição de 1988. Um ensino semelhante a um parto minguado, com muita dor e sofrimento, surgiu resistindo e com poucas chances de sobreviver. A educação diferenciada é filha da disciplina de ordem do colonialismo e da resistência, da articulação dos povos indígenas para sobreviverem aos ataques institucionais que objetivaram sua integração, para que, assim, ninguém pudesse reclamar os direitos às diferentes especificidades. Esta surge como um marco, como uma conquista, mas é necessário pensarmos como foi a inserção das primeiras instituições de ensino nas terras indígenas e quais eram os objetivos dessas práticas. O imperialismo, pai do colonialismo, com as suas mais variadas faces, com enfeites diversos, audaciosamente, deu todos os passos para manter o controle das vidas indígenas — quando a ordem “fugia” ao controle, estas eram apagadas.



Muitos dos materiais complexos, obras conhecidas e muito divulgadas sobre os povos indígenas do país brasileiro, são racistas. A

escrita e a história sobre os povos indígenas sempre tiveram o objetivo de, na visão imperialista, perpetuar o poder e o controle sobre nós. Agora é a hora de usarmos a articulação estratégica de nossas próprias escritas e nossas linguagens, seja na comunidade ou na universidade, como ferramenta para combater o genocídio e o etnocídio que o colonialismo-imperialismo deixou (SMITH, 2018).

Essa estratégia começa principalmente na escola, onde podemos refletir e agir, por meio das atitudes da gestão escolar, até o acesso à universidade. É preciso valorizar as presenças dos velhos sábios na disseminação de conhecimento para as nossas crianças. Eles são nossos doutores, os gestores de práticas coletivas. São os professores essenciais no Território Indígena.



A obra “Quando Eu Caçava Tatu e Outros Bichos” foi escrita recentemente pelo autor indígena Tiago Nhandewa. Nela, o autor conta suas memórias de infância, a sua identidade indígena numa realidade de dificuldades pelo fato de ter o território roubado. Atualmente, Tiago mora no estado de São Paulo, na terra de Araribá — aldeia Tereguá. Nasceu no estado do Paraná, na Terra Indígena Laranjinha, mas ainda muito pequeno seguiu com sua mãe rumo ao território guarani chamado Nimuendaju, também nas terras de Araribá, lugar que ele descreve em sua narrativa, nas memórias de sua infância. O autor fala da beleza de ser um garoto guarani e o que fazia em seu território nessa época tão bela da sua existência, apesar das dores de ser um corpo marginalizado. Ele fala do espaço com um conhecimento vasto sobre a geografia do lugar, apenas pela observação e a crítica à limitação que as crianças indígenas sofrem

no lugar onde vivem. Evidentemente, esse lugar também é explicitado pelo autor como de invisibilidade à realidade indígena. Ele fala de uma identidade que resiste apesar das imposições sofridas por um sistema opressor. Narra com emoção as aventuras e os laços de amizade que construiu, a importância da coletividade na visão de mundo guarani e a determinação que o conduziu, apesar do medo. Fala da esperança que carregava em meio aos desafios gigantes para um menino guarani tão jovem. Fala de uma ligação íntima com a mãe natureza e o respeito pelo chão que pisa.



70

A criança indígena necessita com urgência se reconhecer como um ser que merece respeito por ser quem é, porém, através dos diversos registros que se deram pela visão do colonizador, aprendeu a odiar seus traços, costumes e a própria existência por não estar dentro do padrão que a sociedade hegemônica e opressora ainda exige. Precisamos nos libertar dessa escravidão por meio da nossa linguagem, escrevendo as nossas memórias, o nosso modo de ser e de ver o mundo.





**RE-EXISTIR E DAR
NOVOS SENTIDOS
AO VIVER**



NÃO PARE!

Por mais cansada que você esteja, não pare. Os seus esforços, a sua determinação, a sua luta diária, somente você e Deus conhecem. Respeite a sua experiência de vida, as suas dores, as cicatrizes.

Hoje é fácil saber quem está do seu lado quando você “desliza” os seus passos, mas ninguém está disposto a ver os seus bastidores.

Empatia? Será que sabemos realmente o que é isso? Não se engane, nós não podemos sentir o que o OUTRO sente, apenas precisamos reconhecer que o outro é OUTRO e que suas experiências são outras e por isso devemos RESPEITO!

A semana está só começando e eu deixo aqui todo o meu desejo de que o seu dia seja de CONQUISTAS, seja no trabalho, na saúde, espiritualidade, enfim!



SÃO MUITOS, EU SEI!!!

Ei, mulher, eu sei, muitas vezes ouvi:

Ah, eu já desisti, ESTUDAR não é para mim.

As responsabilidades pesam, a família precisa de você, o seu psicológico já não está dando conta, as cobranças vêm como bomba!

Eu quero FAZER o VESTIBULAR, iniciar e TERMINAR meu CURSO, quero me formar, quero o melhor para a minha família, para a minha vida, para a minha comunidade.

Mas está difícil!

Anota três detalhes que podem te ajudar!!!

- 1°. Revise a sua PAIXÃO pelo CURSO que você quer e, se precisar mudar, ESTUDE MUITO, mas não permaneça no mesmo lugar se não estiver feliz;
- 2°. A PRIORIDADE é VOCÊ, reserve um tempo para você mesma, REFLITA e RESPEITE o seu processo, CUIDE do CORPO e do ESPÍRITO, os desafios serão grandes e você PRECISA se munir de ESTRATÉGIAS;
- 3°. Tome sua DECISÃO e dê prioridades aos seus COMPROMISSOS com o estudo o MAIS CEDO que puder — tem como, viu, sozinha dá, casada dá, sem filhos dá, com filhos também!

74

Aqui estão os três passos

Para BUSCAR o seu DIPLOMA, MULHER INDÍGENA!!!

Bom dia

Vamos crescer juntas?!

Juntas somos mais fortes!

Conta aqui, qual dos três está sendo mais desafiador?



COMO EU POSSO TE AJUDAR OU AJUDAR ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE E GOSTA MUITO!

Ei, MULHER INDÍGENA que deseja ingressar no ensino superior, mas ainda tem um “certo medo” ou conhece alguém que já desistiu:

- já tentei várias vezes e não consegui;
- tenho muita dificuldade;
- não me sinto capaz;
- não sei que curso escolher.

Vamos falar sobre alguns pontos extremamente importantes sobre o acesso das mulheres indígenas no ensino superior, de acordo com a realidade das diversas etapas até o momento de conclusão. Mas, calma, é muita coisa, eu sei, e estou aqui justamente para isso, para um diálogo de acolhimento e reflexão com vocês.

1. TEXTO (escrita e interpretação)
2. COMUNICAÇÃO (prova oral)
3. FOCO (humanizar o acesso ao conhecimento)

Refletir o ensino superior como uma ferramenta de luta para a população indígena!

As comunidades necessitam e as futuras gerações agradecem!
Quem vem comigo nessa jornada tão importante?

75



O QUE SIGNIFICA O DIPLOMA PARA UM(A) INDÍGENA?

Para muitos, pode não ser nada. Para os povos indígenas, uma ferramenta fundamental de luta e estratégias para a resistência/re-existência nas esferas sociais em que somos constantemente apagados, que a nossa identidade fica maquiada com estereótipos e conceitos diversos que não são vistos e sentidos pelo olhar indígena, muito menos por suas palavras.

Nós temos vozes, mas essas vozes precisam ser ouvidas. É preciso sensibilizar e mobilizar os nossos conhecimentos, ressig-

nificando-os junto aos conhecimentos que vêm para nós, para podermos ter a nossa autonomia, falarmos da nossa existência como o fundamento principal da diversidade cultural do Brasil, pela nossa própria experiência e comunicação (texto escrito, oralidade, artes, etc.), pela nossa própria visão.

Convido todos a refletir e contribuir com essa visão indígena sobre o Ensino Superior.

Juntos somos mais fortes!!!



O QUE NINGUÉM CONTA, MAS EU VOU CONTAR!

76

Demorou para que eu entendesse isso. Fui para a colação de grau com o rosto pintado e o cocar, decidida a mostrar o lugar que ocupo na sociedade, mas, no fundo, eu sabia que algo estava errado, só não sabia o quê.

Participando de uma aula com o professor Gersem Baniwa, ouvi a seguinte frase: “Não romantizem a nossa história; receber indígenas nas conclusões de cursos superiores de cocar e tudo, não muda o que nós vivemos”. Eu entendi dessa forma, então muita coisa fez sentido.

O que quer dizer tudo isso, além de passar a graduação inteira sem saber fazer presente a minha voz, ouvir atitudes preconceituosas, adaptar-me forçadamente e dolorosamente a uma realidade tão diferente da minha como indígena, valores que não batem com os que conheci, ainda tenho que provar que sou indígena?!

Foi lindo, foi sim, apropriar-me dos meus pertences, dos objetos que me identificam como uma MULHER INDÍGENA

que, apesar de todas as dificuldades, concluiu o ensino superior (graduação); é lindo, mas apenas destacar essa “beleza” do acontecimento não muda os fatos de lutas e re-existência com os quais estamos constantemente interagindo.

Sofremos com a desvalorização da nossa existência, somos vistas como algo inédito, como se “índio” não possuísse capacidade de estar no ensino superior, “que lindo que está ali”. Fui chamada de Pocahontas por causa do “cabelão”... ah, faça-me o favor!

Os cursos de “elite” não nos aceitam.

Todos acham bonito o nosso modo diferente, mas poucos se interessam realmente por saber sobre as nossas feridas seculares. Insinuações de que somos privilegiados quando, para que pudéssemos estar aqui hoje, tivemos que resistir a um extermínio.

Tudo é muito bonito: indígenas no ensino superior, indígenas se formando, etc. Mas a nossa voz, a nossa luta, a nossa resistência, poucos ouvem e apoiam.

Mulheres indígenas, vamos nos apoiar e compartilhar nossas experiências, visando construir nossa autonomia e usar da nossa voz para divulgar a vivência real — com beleza, sim, mas com a realidade de luta, principalmente.

Parte do que eu aprendi sobre mim mesma.



SE VOCÊ É, PARABÉNS, ESTAMOS COMEÇANDO A ASSUMIR NOSSO LUGAR, NOSSA AUTONOMIA...

Estamos começando a enxergar uma esperança.

Sabe por que somos “as chatas”? Porque nos incomodamos e respondemos as “brincadeiras” racistas.

Até pouco tempo atrás, eu tinha medo de questionar ou então de não concordar. Por vezes, fiquei em silêncio, um SILÊNCIO DOLOROSO.

Hoje, percebo o quanto já sou alguém que merece estar entre as outras, que pode contribuir na luta por um tempo melhor, apesar das atrocidades recorrentes.

78 Sim, muitas pessoas me acham chata, pois se eu sofro com algo é porque eu sinto e, se eu sinto, eu não me calo.

E se eu sou chata por não aceitar o racismo, parabéns para mim, estou crescendo!

Seja chata(o): não aceite comentários, brincadeiras e atitudes racistas!



No campo fértil da educação indígena, eu lancei a minha semente.

Essa semente eu carrego das minhas ancestrais, dos sábios que semearam tão bem a semente da RE-EXISTÊNCIA.

Nessa luta constante, eu escrevo, observo, sinto e reescrevo.

Eu escrevo sobre tudo, tudo o que ecoa da tradição dos guerreiros guaranis e dos territórios seus.

Eu sou eterna aprendiz, aprendiz em um mundo em que o racismo e o “desamor” não conhecem, as almas ingênuas ignoram e os sugadores das essências humanas condenam.

Aqui tem uma Guarani que aprendeu na hora certa a qual outro mundo pertence: O MUNDO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA.

Agradeço aos que me oportunizaram a função pela qual eu LUTEI para exercer.

Hoje, eu fui recebida na Escola Estadual Indígena Yvy Porã⁵ para o FELIZ e DESAFIADOR papel de professora de língua portuguesa.

Aporãete, Nhanderu!



79

No rio das minhas lembranças, eu mergulhei profundamente. Saí renovada, o meu espírito não será mais o mesmo.

Géssica Guarani.



5 A Escola Estadual Indígena Yvy Porã está localizada na Aldeia de Pinhalzinho, território indígena próximo à cidade de Guapirama, no Paraná.

KO'Ê PORÃ PAMÊ, TXEIRÛ KWERY!

Bom dia a todxs, meus amigxs!

Mais uma vez eu uso e abuso das palavras de GRADA KILOMBA. Quem sou eu para tal ato, mas ela me permite e aceita o meu corpo como “no lugar certo”.

Hoje, vocês — meus/minhas amigxs, recém chegadx — fiquem sabendo que sempre que eu fizer uma postagem falando de dor misturada com beleza e luta, ahhh, é triste, mas como diz Kilomba, muitos dirão: “Ela interpreta demais, a experiência dela não é a verdade absoluta porque não tem fundamento teórico”.

Nesse momento, prestem atenção, pois não é simplesmente falar de mim, é falar do lugar do coletivo, é lutar da margem do lugar onde não nos aceitam. Sim, eu faço isso!

80 Sim, estarei “desmaquiando” o silêncio secular, tirando os enfeites, nem tão bonitos, de cima dos segredos.

Interpreto, sim, porque só quem sente a dor pode falar dela no seu próprio jeito de sentir. Eu busco, sim, um lugar para a nossa VOZ!!!

Vou fazer isso de diversas maneiras, pois estratégias de luta estamos aprendendo a praticar.

E vocês, AVANCEM, façam ecoar as suas VOZES por onde forem!

Aqui tem história de luta, de beleza, de dor, de amor, de esperança...

Quando eu acordei, o Rancho estava cheio...

Obrigada por estarem aqui.

Sejam todxs bem vindxs.



Hoje vou contar uma história

Porque é sábado, amigxs!

NÃO FAZ TANTO TEMPO, ASSIM ACONTECEU...

Chuva, relâmpagos, trovões abalavam o chão da aldeia naquele dia, e ainda djopya kwery e uma cavalaria descia do morro no canto da entrada da aldeia de trás da casa do chefe de posto.

Assim dizia este, ao adentrar o rancho em péssimas condições do Guarani Francisco Lourenço. Pedindo socorro, pois havia muitos que o perseguiam.

Vô Francisco, meio envergonhado por estar na presença de uma autoridade (autoritária), deixou seu rancho e foi verificar o que havia acontecido, quando a chuva deu uma acalmada. Chegando na casa (sede) não via nada, apenas chuviscava bem de mansinho.

Há tempos se fazia doce de banana e enviava para a cidade grande. No Território Indígena, havia uma enorme plantação de bananas e cada família de indígenas precisava levar uma espécie de "ticket" para poder levar pelo menos um cacho. Quem pegasse sem autorização era punido severamente, por isso não havia ninguém que investigasse esse e outros acontecimentos injustos (se o fizesse, a pessoa era transferida para um lugar muito longe).

Assim sendo, *Nhanderu*, o Deus dos Guaranis, interveio pelo povo que ali vivia, onde a vida era tão difícil para muitos.

No outro dia, sem explicar nada a ninguém, o chefe que comandava a aldeia pegou sua família, retirou-se para a cidade de onde viera e nunca mais voltou. Na verdade, quem havia enviado o exército espiritual para defender os Guarani foi *Nhanderu*.

Assim, ainda que com muita resistência e bruscas mudanças em sua realidade, o povo guarani do sul, do interior do Paraná, re/começa a sua autonomia, apesar de tanta perda.

Aconteceu quando eu era criança, diz Selma (kunjã Weradju),
hoje com 66 anos.

Síntese do Caderno de Memórias Guarani



DAS LEITURAS DE “MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO”: VOCÊ SILENCIA UMA PESSOA INDÍGENA QUANDO...

O centro acadêmico não é um lugar neutro, é um espaço “branco”,
onde o direito de fala tem sido negado às pessoas indígenas.

82

Diz que a minha visão sobre o racismo é “muito pessoal”.

Diz que a minha visão sobre o racismo é “muito emocional”.

Diz que a minha visão sobre o racismo é “muito específica”.

Você posiciona meu discurso na margem, como conhecimento
desviante, enquanto o seu fica no centro.

Valida a voz branca como científica e a voz indígena como
a-científica. Uma hierarquia violenta que determina quem pode
falar.

Além da imposição sobre as nossas terras, o colonialismo
também impôs autoridade ocidental sobre todos os aspectos dos
nossos saberes.

Nossa tarefa é descolonizar essa ordem eurocêntrica
do conhecimento.



ESTUDAR, AMAR, RESPEITAR e TER ÂNIMO de LUTA não perpetuam o racismo, silenciamento e extermínio de outras existências.

Segundo a pesquisadora Linda Tuhiwai Smith, em seu livro “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas⁶”, publicado em 2018, ao realizar pesquisa respeitando a perspectiva indígena é preciso considerar o seguinte:

- ◆ Prepare -se para o seu trabalho no campo (Território Indígena);
- ◆ Saiba o que visualizamos e sentimos em relação ao termo pesquisa;
- ◆ A palavra pesquisa é uma das mais sujas do mundo vocabular indígena, pois a) Provoca silêncio; b) Evoca memórias ruins; c) Desperta um sorriso de conhecimento e de desconfiança;
- ◆ O que você conhece sobre o povo do qual deseja ter conhecimento aprofundado?
- ◆ Você deve ter como intermediário uma pessoa indígena, uma pessoa de confiança da comunidade, que se mova no sentido de busca por resultados de todos.

Ponto chave: “incomoda-nos saber que os pesquisadores e intelectuais do Ocidente podem presumir que conhecem tudo o que é possível sobre nós, com base em um breve encontro com alguns indivíduos da nossa comunidade” (TUHIWAI SMITH, 2018, p. 11).

Ponto flecha: “enfurece-nos que práticas vinculadas ao último século, e a séculos anteriores a este, ainda sejam empregadas para negar a legitimidade das reivindicações dos povos indígenas pelo

6 Linda Tuhiwai Smith é uma pesquisadora maori que, em 2018, teve seu livro “Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas” publicado pela editora da UFPR. Segundo o site da Livraria Maracá, “Este é um livro que tenta fazer algo mais do que apenas desconstruir o conhecimento científico ocidental, recontando nossa história ou compartilhando relatos de horror dos povos indígenas a respeito das pesquisas científicas”.

direito à existência, à terra e aos territórios” (TUHIWAI SMITH, 2018, p. 11).



E NÃO DEMORA...

“Todos assistiam, crianças e velhos pulavam, cantavam em roda, *Nhanimbodjere Pamê!!!*”.

“As guerreiras mães dos territórios com seus corpos pintados, mbarakas e takwapu na mão, celebravam num canto de mistério sem fim...”.

84 “As cercas que isolavam os pequenos espíritos, *mitangwe kuery*, caíram em uníssono sem resistir porque esse não é seu território, é das nossas crianças livres”.

“As plantas usadas pelo ódio, pelo espírito sugador de existências e sem qualquer relevância nessa vida, fugiam desnorteadas”.

“Agora essas pequenas inocentes plantas podem fazer a sua missão felizes na vida do outro lado”.

“O TERRITÓRIO é LIVRE, somos dele, somos ele, agora vivemos”.

Nhanimbodjere Pamê, que a luta vale a pena. Quando os espíritos da geração futura gritam, suas VOZES ECOAM em nossos corações e nós tomamos a guerra por vencida.

Os VENCEDORES SOMOS NÓS!!!

Os pastos virarão florestas e os eucaliptos terão que ser retirados.

A realidade de muitos territórios. Um veneno deixado pelos chefes de posto, na integração.

O nosso sonho?

É coletivo!

Sai gado, sai monocultura, sai imperialismo, sai...!

O TERRITÓRIO É NOSSO.

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES.

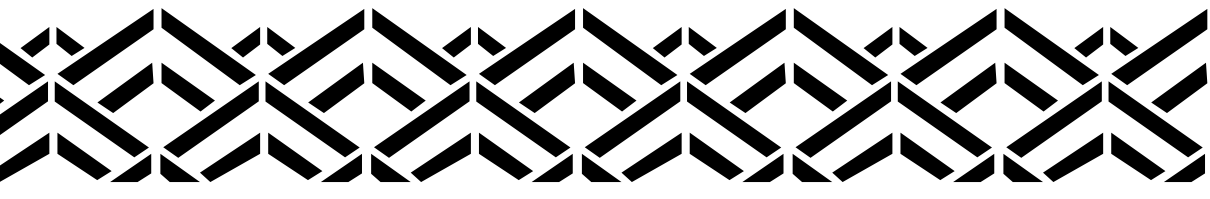
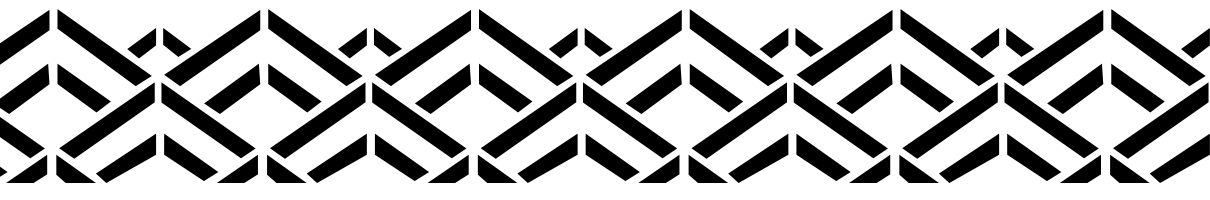
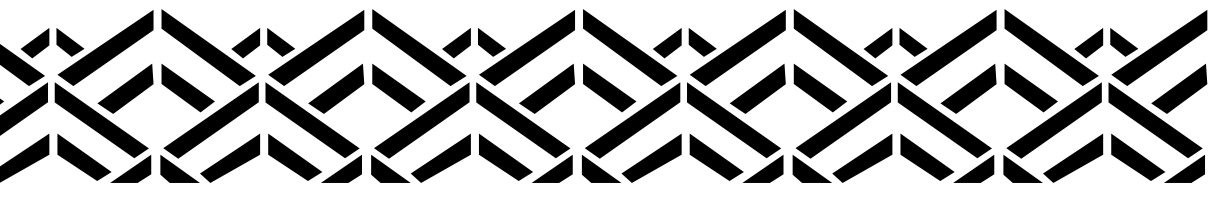
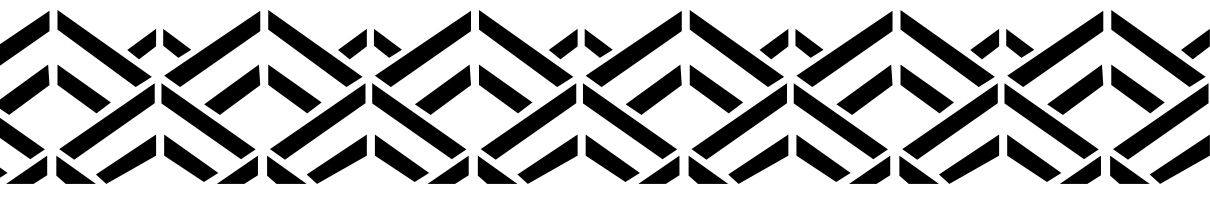
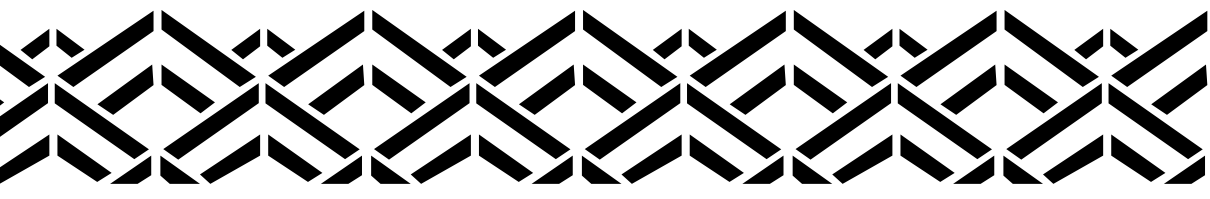
O NOSSO SONHO É COLETIVO.

“Sonho coletivo”: as cercas caíram, os pastos se foram, as plantas sugadoras de água tombaram...



A minha voz não fala sozinha, a minha voz grita e ecoa no coletivo. Eu venci e venço todos os dias porque eu sou muitas. Eu sou uma mulher indígena e todas as vezes que alguém me ouve, avanço também.







PARTE II
**UNIVERSIDADE
É TERRITÓRIO
INDÍGENA**



**UNIVERSIDADE
É TERRITÓRIO
INDÍGENA E O
TERRITÓRIO
INDÍGENA
É UNIVERSIDADE**



UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA

(...) despertei com a lança, com o takwapu, com os arcos e flechas, com os mbarakas todos em minhas mãos, pronta para a maior batalha da vida de uma guerreira Guarani *Nhandewa*. Quem passa pela dor da tentativa de apagamento da identidade, da desumanização sabe que é uma guerra, uma luta todos os dias desde o chão da nossa aldeia, como diz o professor intelectual e referência para nós, Gersem Baniwa, então sim, eu sou uma guerreira, escolhida pelo meu Deus (*Nhanderu*). Acordei com a lança da educação indígena, com o som do takwapu da capacitação dialógica, com os mbarakas da educação humanizada e com os arcos e flechas do combate ao racismo no ensino superior. Realizo uma luta coletiva (...).



É SOBRE ISSO QUE A GENTE FALA E MAIS ALGUMAS COISAS...

Amores e amoras que chegaram agora, o nosso lugar de fala é o da COLETIVIDADE.

COMBATEMOS O RACISMO que limita as presenças indígenas no ensino superior, entre outros espaços.

Aqui FALAMOS de SABER ANCESTRAL, falamos também que UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA!

Tire seu racismo do caminho que a gente vai passar do território para a Universidade.



Recém chegadas(es/os), eu sigo as (des)ordens das vogais, por isso...

Aqui compartilho (e já faz um tempo que preciso estar mais pertinho) as experiências dolorosas do ensino superior para mim e muitas outras existências indígenas, especificamente do estado do Paraná.

Começou mais ou menos assim:

“EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E O QUE FAZER PARA NÃO SOFRER COMO EU, uma pessoa indígena no ensino superior”.

Minha luta tem foco na reivindicação de respeito aos seres indígenas que acessam o espaço acadêmico e pela nossa permanência nesse espaço tão excludente.

A realidade que vivemos no ensino superior é mais uma etapa de extermínio por meio do poder da limitação, da desumanização, do silenciamento e controle. E tudo isso vem na bagagem que o imperialismo trouxe na invasão.

90

Isso é verdade, pois se não temos oportunidade de concluir uma graduação para buscarmos melhorias para a nossa comunidade, arrumar emprego é sempre uma batalha interminável, da qual, por vezes, saímos tão feridos que a resposta são as péssimas condições em que permanecemos como se fosse o nosso único destino.

Nós não somos seres que aprendemos ou ensinamos pela dor dentro de nossa comunidade, entre nós mesmos, mas na universidade e também desde o ensino básico é isso o que acontece.

Não vamos continuar maquiando e romantizando essa experiência porque não deve ser assim. Somos pessoas com culturas diferentes, valores diferentes.

Os nossos saberes são invalidados, anulados quase o tempo todo. O projeto que foi construído para perpetuar a nossa exclusão, nós já conhecemos muito bem.

O que precisamos fazer é reconhecer e desconstruir com estratégias essa violência, esse projeto secular.

Mobilizar nossos conhecimentos e nossa sabedoria num viés de coletividade, do afeto pelos corpos diferentes que sofrem agressões diversas e constantes, é uma responsabilidade social.

Esse texto é também o assunto da minha última palestra falando de educação.

Nossa casa aqui é UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA.

Seja bem-vinda/e/o!



E NÃO DEIXE DE CONTAR para as outras pessoas indígenas se você passou por alguma experiência que eu não consegui mencionar aqui...

91

A vida acadêmica, para nós indígenas, arrasta-se sempre mais pesada e, às vezes, torturante do que para outros.

Aqui algumas violências que vocês PRECISAM SABER, eu faço questão de CONTAR EM DETALHES:

— “O nosso grupo está completo, não tem lugar para você”.

MENTIRA, NÃO DEIXE ISSO PRA LÁ, O LUGAR É SEU, VOCÊ TEM DIREITO DE ESTAR NO GRUPO, QUEIRAM OU NÃO. Isso é rejeição, violência, é racismo!

— “Queria ser indígena, para ter privilégios como vocês”.

OCUPEM OS SEMINÁRIOS E CONTEM TUDO SOBRE ESSA REALIDADE “PRIVILEGIADA”, JÁ

QUE ELES NÃO TÊM ESSE CONHECIMENTO.

O que estão fazendo é racismo!

— “O professor deu nota para você, ele é bonzinho”.
ESTÃO TE INFERIORIZANDO MAIS UMA VEZ,
ALÉM DE TODA NEGAÇÃO QUE JÁ FIZERAM
COM A NOSSA IDENTIDADE. QUESTIONE E
CRITIQUE ESSA POSTURA, é racismo!

— “Você não atingiu a nota, mas o professor vai
ajudar, ele sabe que você é indígena e não consegue”.
QUE? RACISMO!

NÃO SABEM NADA SOBRE A COBRANÇA DE
TER QUE SER 10 VEZES MELHOR, PORQUE
O NOSSO LUGAR É O PIOR na classificação
de capacidade.

— “Você é indígena? Quantos filhos tem? Como
você se sustenta? O governo paga salário para
cada um deles? Vocês ganham cesta básica da
FUNAI?” Racismo!

92

Passei por todas essas formas de racismo e não conseguia
responder, a minha voz silenciada pelas violências desde a infância
é o motivo que me leva a lutar para que outros indígenas no ensino
superior não passem por isso.

TUDO ISSO É racismo!!!

Obs.: racismo sem caixa alta, para ele perder o poder.

Conta aí, para nós aprendermos mais, se você já passou por
algum desses ou por outros atos de racismo e como reagiu.



Dizem que é: MIMIMI...

O que você acha?

Seguem os detalhes do discurso que se apodera de nós para dar futuro ao imperialismo:

POR QUE EU NÃO SEI O QUE ELES SABEM?
POR QUE EU NÃO ESTOU BEM AQUI?
EU NÃO CONSIGO ENTENDER ESSA LINGUAGEM!
TÁ TÃO DIFÍCIL FAZER AMIZADE, ME SINTO TÃO SOZINHA.
MAIS UMA VEZ VOU TER QUE APRESENTAR SEMINÁRIO SOZINHA.
ELES NÃO ME ACEITAM NO GRUPO PORQUE JÁ DEVEM TER PERCEBIDO QUE NÃO SEI FAZER O TRABALHO.
COMO EU CONSEGUI AQUELA NOTA? A COLEGA TEM RAZÃO, A PROFESSORA ME DEU NOTA (SENTIMENTO DE INCAPACIDADE).
NOSSA! COMO PUDE IR TÃO MAL NA PROVA? EU SOU MUITO “BURRA” MESMO.
EU NÃO SEI A QUEM PEDIR AJUDA, O MELHOR É LARGAR TUDO, ISSO NÃO É PARA MIM.
SE EU CONTAR COM INDIGNAÇÃO O PRECONCEITO QUE SOFRI, VÃO ACHAR QUE ESTOU ME VITIMIZANDO, DEIXA PARA LÁ...

93

Tem mais?

ESSE LUGAR É NOSSO, A UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA!!!

O que eu posso fazer por você?



O PROPÓSITO É derrubar o apagamento e ECOAR A VOZ DA RE-EXISTÊNCIA!!!

Re-existimos pela força de nossos ancestrais.

Estamos sem ânimo, sem ideias, sem uma dose revigorante de estado de espírito?

Tem biblioteca viva aguardando pelo seu chamado!!!

Esses conhecimentos são de uma sábia Guarani mais velha. Ela conta o que viveu.

Tá esperando o que para começar um trabalho potente de responsabilização e reparação aos povos indígenas originários do nosso país, seja você indígena ou não?!



94

NÃO PODEM, MAS... DEVEMOS!

Chegamos no tempo em que uma das maiores estratégias de resistência é ocuparmos os espaços de poderes da sociedade, e a universidade é um deles.

Resistir para existir...

Com persistência, o imperialismo continua. Incansável, ele atualiza suas práticas. Sem esforço, busca manter o controle sobre nossas vidas.

Nós, então, não estamos aqui para brincar de defender vidas indígenas. A nossa atitude é provocar a reflexão, ação e união contra os ataques nos diversos espaços de poder.

Aqui falamos do ensino superior!

Porque a universidade é Território Indígena. O Brasil todo é Território Indígena!

UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA: IDENTIDADE; RESISTÊNCIA/ RE-EXISTÊNCIA; MIRANDO A MINHA FLECHA; DISPARANDO A MINHA FLECHA; O MEU ALVO É A UNIVERSIDADE

Foi assim que iniciamos a primeira aula de informação para o acesso ao ensino superior no Paraná. Futuros(as) acadêmicos(as) indígenas, com o apoio de Rachel Libois, defensora das articulações indígenas, reuniram-se no evento online para ouvir a fala da professora Gêssica Guarani na abertura do projeto “Universidade é Território Indígena”, de acolhimento aos corpos indígenas que desejam sair da situação de desigualdade pela ferramenta de luta chamada Educação: ensino superior.

A nossa luta começa no chão do nosso TERRITÓRIO!

95



HÃ ESPAÇOS E NÓS ESTAMOS OCUPANDO, NA 18° ATL EM BRASÍLIA: ACAMPAMENTO TERRA LIVRE!

A história sempre foi contada por quem integra o poder, pelo privilégio de quem podia dizer o que era humano e o que não era, o que merecia ser destacado e o que deveria ser apagado da história, para poder perpetuar o controle sobre o Outro, ou seja, os povos indígenas. Por muito tempo, como povos da oralidade, tivemos a nossa existência humana negada por não termos nossos saberes registrados em códigos semelhantes ao ocidental: a escrita no papel. Dessa forma, ficamos sob tutela para decidirem absoluta-

mente tudo sobre nós, nossos corpos e nossos territórios. Tudo isso sempre foi justificativa para escreverem e criarem conceitos sobre nós, que hoje apresentam a real situação em que vivemos, a extrema vulnerabilidade. O que vivemos atualmente é resultado de um projeto muito bem construído por uma parcela da sociedade que não está disposta a se responsabilizar e reparar o dano, a violência cometida contra os povos indígenas. Há espaços para nós, o que não existe é o diálogo que nos coloque no centro, num lugar em que possamos reivindicar direitos, e é justamente para não reivindicar direitos que somos limitados nos espaços de poder. Tentam nos controlar pelas rédeas do imperialismo e suas práticas de extermínio.

Agradecimento aos comunicadores que estão em Brasília, na linha de frente pelos nossos direitos: Vanessa Neres, Uerique Matias e Micael Eliabe.

96



VENHA PARTICIPAR DE MAIS UM ENCONTRO SOBRE INDÍGENAS E ENSINO SUPERIOR!

O que vivemos atualmente é resultado de um projeto muito bem construído por uma parcela da sociedade que não está disposta a responsabilizar-se e reparar o dano, a violência contra os povos indígenas. Há espaços para nós, o que não existe é o diálogo que nos inclua ao centro, no qual possamos reivindicar direitos e é justamente para não reivindicar direitos que somos limitados aos espaços de poder, controlados sob as rédeas do imperialismo e suas práticas de extermínio. Os espaços que estamos acessando com

muita resistência ainda não são suficientes para conseguirmos defender nossos corpos-território. É necessária muita mobilização no sentido de lutar por presenças indígenas nas universidades, porque se é nesse espaço que criaram e fortaleceram as práticas e o imaginário racistas sobre a diversidade cultural, é justamente aqui que construímos as ações de combate ao imaginário ocidental sobre as vivências indígenas.



**ONDE VOCÊ FALA A MESMA
LINGUAGEM DO CORPO PRESENTE,
SE DEMORE. ONDE O SEU CORPO É
ACEITO COMO NO “LUGAR CERTO”,
SE ACOLHA...**

97

A oportunidade de estar com o professor Lucas Dantas é mais uma forma de fazer ouvir as nossas vozes de corpos silenciados. É mais um ato de resistência em meio aos demais, igualmente importantes.

Eu nunca vou esquecer das mãos que me alcançaram na margem e junto comigo vestiram a luta contra o racismo nas instituições de ensino.

Quando era tão pequena, na escola da minha aldeia, eu amava os livros e adorava desenhar. Escrevia textos e textos, as professoras choravam ao ler meus pensamentos, mas, com o tempo, tive que engolir o choro, e as sementinhas que se formavam dentro de mim ficaram tão profundas que eu pensei que nunca mais renasceriam. Eu não tinha mais tempo, era a hora de buscar um “sentido na vida”, afinal, era uma mulher, tinha que arrumar um serviço,

um marido, uma casa para limpar, formar uma família e mostrar o quanto era boa na organização do lar.

A falta de afeto mínimo construiu uma mulher indígena indefesa e humilhada, sem expectativa para o futuro. Sem consciência da minha interferência no mundo. Só consegui me encontrar quando me vi responsável por outro ser. A minha consciência “acordou”, pude viver toda a minha ancestralidade em poucos dias de vida de uma criança que eu teria que ensinar. Que futuro teria essa criança se eu permanecesse no espaço em que sempre estive? Não dava mais para ser assim. Foi quando eu decidi terminar os estudos e buscar com todas as forças um caminho menos doloroso para percorrer.

98

Todos nós estamos sendo invadidos, violados a todo momento, mas como sabemos quando impedir tudo isso? Quando tomamos consciência de quem somos, quando sabemos a nossa verdadeira identidade? Foi perguntando tudo isso que eu alcancei o espaço acadêmico, sobrevivi a ele e, nessa experiência, eu me vi um corpo indígena silenciado e inferiorizado desde que o meu corpo-território foi invadido. Uma das minhas resistências foi criar a página “Universidade Território Indígena” no Instagram, para mostrar a realidade de corpos indígenas no ensino superior e ressaltar que a nossa voz tem poder e que o nosso conhecimento é válido!





**INDÍGENAS NA
UNIVERSIDADE:
RELATOS DE
UMA SOBREVIVENTE**



VONTADE DE DESISTIR, LARGAR TUDO!

“Você copiou da internet.”

“Você não tem capacidade.”

“Nosso grupo está completo, não tem lugar para você.”

Frases que me deixaram no chão, que me fizeram realmente pensar em desistir, porém, permanecer caída não era o meu objetivo. Houve dias em que eu literalmente entrei muda e saí calada da sala de aula. Não tinha com quem falar, enfrentei insultos de colegas, mas a melhor coisa que fiz foi continuar. Tudo isso porque eu cheguei gritando para o mundo que eu sou indígena e estou aqui para lutar pelo meu povo.

Guardo até hoje as palavras de uma professora, que me acusou de ter copiado um texto da internet quando eu mal sabia usar um computador (não era a minha realidade). “É porque seu trabalho estava muito bom, por isso achei que não fosse você”, disse ela.

Outra professora disse que eu avancei nas apresentações, porém, me reprovou por um mínimo de nota. Eu entendi o recado; prometi que faria muito melhor ainda. Lutei muito, sofri, chorei, quis ir embora, os recursos eram mínimos, filhos pequenos que também estavam sofrendo com a mudança de realidade, mas pensava nas pessoas que acreditavam em mim, principalmente, nos meus filhos. Concluí a graduação junto com mais 8 indígenas no ano de 2020, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi uma conquista, uma noite sem igual na história dos povos indígenas do Paraná e originários dessa terra. Ali, naquele momento, eu vi o quanto valeu a pena. Hoje sou formada em Letras/Português, o que eu amo muito. Quem ficou no chão foi a ignorância, foi a falta de empatia, foi o preconceito!

A nossa luta não para — para os próximos dias, estou preparando informações valiosas para quem quer saber sobre a diversidade cultural do nosso país.



EU VOU CONTAR A VERDADE!

Há dias em que você vai querer desistir e vai dizer que isso não é pra você...

E, sim, pode ser que não seja, mas você só vai saber isso se continuar, se estiver disposto à luta...

102

Não se cobre tanto, as pessoas só veem o que querem ver...

Dê o seu melhor e saiba que tudo tem seu limite... Tudo tem o seu tempo.

Só não tem limite a luta por uma causa justa!

Já escolheu sair da caminhada e percebeu que precisava voltar, agora...

[...] a vida é curta, as oportunidades são poucas, a sua energia tem limites. Não desperdice tempo valioso ou paz de espírito... o preço é muito alto [...]

Para cima, meu líder!



DO LIVRO: “A PRESENÇA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DO BRASIL”

A visão que a sociedade tem sobre o indígena, aquela oferecida nos livros, não foi contada pelo próprio indígena. Ela teve o seu propósito.

A história foi contada por não-indígenas e criou estereótipos. A realidade que vivemos é resultado de ideias que violam completamente a nossa existência.

Por tudo isso é que há os dizeres:

Índios não gostam de trabalhar;

Índios comem gente;

Índios são bárbaros;

Índios são incapazes;

E muitos outros rótulos sem qualquer fundamento, preconceituosos e racistas!

Vamos aprender mais para não falar bobagem?!

103



7 Livro de João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire, da série *Vias dos Saberes*, publicado em 2006 pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC), em parceria com o Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (LACED), ligado ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É INDÍGENA DO PARANÁ? LEIA ISSO!

PENSANDO EM AVANÇAR NOS ESTUDOS?

Para nós, indígenas, o ingresso no ensino superior traz a única ferramenta que ajuda a fortalecer a nossa luta: O CONHECIMENTO!

Isso serve para os níveis fundamental (anos finais), médio e superior.

Se você quer, saiba que **É POSSÍVEL!**

PRECISA TER:

- Um **MOTIVO FORTE**: a luta por nossos **DIREITOS!**
- Rotina de estudos: **PRIORIDADES**;
- Cuidados físicos: A **FALTA** de **CUIDADO COM** o seu **SONO** e **ALIMENTAÇÃO** na hora certa, **REDUZ** seu **EMPENHO**;
- Cuidados Mentais: eu procurei, sim, **LIVROS** de **AUTOAJUDA!!! LEIA MUITO**;
- Gestão de tempo: estabelecer **HORÁRIO PARA** cada **ATIVIDADE IMPORTANTE** (seja profissional ou de lazer);
- **LIDAR COM O NOVO**: **RESPEITE QUEM VOCÊ É**, dê o seu melhor, mas **NÃO SE DESGASTE TENTANDO PROVAR** para as pessoas **O QUE ELAS NÃO VÃO ENTENDER**;
- Quando for apresentar um trabalho dos conteúdos que você não domina, imagine que as pessoas que você mais ama estão lá com você. Você consegue!

NINGUÉM ME DISSE ISSO!
EU VIVI!



POR QUE SERÃ?

Não temos muito conhecimento sobre a realidade indígena na perspectiva indígena, ainda. Eu pergunto: por que será?

Há vários textos que definem o indígena como bem entende o autor. Por isso, há a insatisfação de se sujeitar ao olhar de quem possui interesses próprios na divulgação e propagação de ideologias.

Temos ótimos trabalhos circulando por aí a respeito das técnicas de pesquisa. Um deles é a “Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas⁸”.

105

Pela leitura desse trabalho, é possível perceber certas compatibilidades com o que é o nosso desejo (líderes da educação) em relação às pesquisas no espaço indígena.

Por muito tempo, o que se desejou foi promover as faces da história do Brasil por ângulos que geraram o preconceito enraizado e a desigualdade, entre muitos outros interesses.

Tudo isso justamente pela forma que os saberes sobre o assunto eram transcritos e reproduzidos.

Se a sua escolha for a entrevista, o que se espera do pesquisador é, primeiramente, estabelecer um vínculo com o pesqui-

8 O livro “Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas” é das autoras Menga Lüdke e Marli E. D. A. André, da Editora E.P.U.

sado, para entender a sua forma de viver, as suas experiências, os seus valores.

Respeite o espaço, respeite os conhecimentos e coloque em seu trabalho o que realmente observou e ouviu. Não force o diálogo que está sendo construído a se enquadrar no seu conceito, no seu modo próprio de entender. Isso é inaceitável, pois o indígena oferece respeito a quem o ouve, principalmente os anciões. Sendo assim, no mínimo devemos passar o seu conhecimento aos outros, tentando atender os sentimentos expostos.

Outro ponto que muitos podem até saber, mas é indispensável repetir quantas vezes for necessário, é que, especificamente em relação aos Guarani (a minha realidade), alguns dos mais velhos não contavam os seus conhecimentos sobre ervas medicinais — sobre como as preparavam, por exemplo — nem mesmo para os seus amigos.

106

Se o pesquisador não souber disso, tudo pode dar errado. Se souber e ficar forçando uma situação, teremos um trabalho como outro qualquer, que não diz nada de nada sobre a verdadeira sabedoria indígena. Aqui, expus apenas um ponto — essa linha de raciocínio é parte de um trabalho de TCC.

Espero ter ajudado um pouco!



ANTES DAS “REGRAS”

Para as avaliações de Língua Portuguesa do vestibular indígena 2021:

Antes de considerar as regras que nos permitem fazer parte de um segmento e pertencer a um mundo que nos exclui, sejamos coerentes.

Há muito tempo que a nossa realidade é de imposições, de aprender e obedecer às ordens. Assim, vamos desconstruir algumas crenças enraizadas que ficaram em relação à intelectualidade indígena.

Na redação proposta na avaliação de língua portuguesa, antes de mais nada, deixe ecoar a sua voz. A voz de um indígena que resiste a todas as atrocidades praticadas pela colonização, inclusive a imposição da língua.

Fale da dor da sua comunidade, explique e seja objetivo. Mostre aos avaliadores o que você está buscando, quem é você como ator indígena num cenário de mais de cinco séculos de devastação. Faça isso na avaliação oral e na escrita também.

A educação do “branco”: atualmente, o ensino superior é para nós uma ferramenta indispensável. Ela nos permite ocupar lugares em que podemos falar e sermos ouvidos pela sociedade ao entorno.

Entre para a comunidade acadêmica indígena do Paraná! Aproveite essa oportunidade conquistada pelos seus líderes, que lutaram por esse direito. Alguns deles, inclusive, já não estão entre nós, mas fizeram isso acreditando que seria muito importante e útil para nós.

*A banca avaliadora espera posicionamento, isso compensa qualquer “errinho” de português, até porque somos povos da oralidade. Se você souber indicar posicionamento, será um ponto a mais.

Obs.: ainda vamos falar das “regrinhas” de português.

Humanizando o Conhecimento para os parentes.



EI, PARENTES, KO'E PORÃ PAMÊ!!! (BOM DIA A TODXS)

Ainda ontem participei de aulas incríveis, nas quais foram abordados os conhecimentos tradicionais de diversos povos indígenas.

Há um perpetuamento da ideia de que devemos saber tudo, ou quase tudo, a respeito do conhecimento ocidental. É verdade, não está anulada essa ideia, porém devemos nos capacitar com os conhecimentos sobre quem somos. A prova oral pede isso e, tendo essa consciência, você só tem a ganhar.

Quando conhecemos mais sobre nós mesmos, o nosso posicionamento em relação aos desafios é muito mais seguro. Será mais fácil combater o preconceito e a desigualdade, e é disso que precisamos.

108 Precisamos de respeito pelo nosso “eu diferente”. Precisamos mudar a visão maçante de “uau, um Indígena se formou”, “uau, os indígenas de cocar, que bonito”, “uau, participei de uma interculturalidade”. Que nada! Estão vindo para o nosso campo especular, desrespeitar — mas e nós, temos acesso livre aos espaços de outros???

Refletindo bem, não estamos sendo tão aceitos assim.

Nossa vida não é só isso. As ciências sociais/humanas precisam repensar seus atos, suas práticas seculares que interferiram violentamente na vida dos povos indígenas.

É necessário que nós sejamos reconhecidos, que nossos anciãos recebam esse reconhecimento. Até mesmo o título de doutores, em virtude da sabedoria que levou para as farmácias os nossos remédios.

Não devemos aceitar menos, nossas vidas importam. Tudo o que fazem com a gente (nós, indígenas) não é novo. Nós precisamos começar a mudar esse cenário, atuarmos, assumirmos nossos lugares, sermos protagonistas e comunicadores da nossa realidade.

Não vamos esperar as coisas mudarem para sermos mais aceitos, vamos mudar as coisas com a nossa atitude, com a nossa intelectualidade, para que, assim, respeitem-nos.

A nossa tarefa, como diz o professor Baniwa, começa no chão da nossa aldeia.

Se você é candidato ou pretende se candidatar ao vestibular indígena do Paraná em algum momento, saiba que é disso que precisamos.

Diga ao povo que avancem!



“SEGREDOS”? HUM, NÃO SEI NÃO!

109

Se você, parente indígena, não sabia; se sabia, mas não comentava; se sabe, mas não gosta de falar; eis aí um silenciamento maquiando os “segredos” que muitos não podem saber.

Há também muita reprodução do racismo descarado. Precisamos eliminar o medo de enfrentar esse racismo estrategicamente, como povos re-existentes que somos, como todos sabem há mais de cinco séculos.

Na universidade, encontramos valores diferentes dos nossos e começamos a nos sentirmos inferiores, pois o saber de lá é considerado universal, válido, enquanto o nosso fica escondido sob as cortinas do silenciamento e do racismo.

Como?

Três exemplos de práticas comuns na academia que nos isolam, apagando a nossa identidade coletiva.

1. INDIVIDUALISMO;
2. COMPETIÇÃO;
3. COMENTÁRIOS RACISTAS.

Todos os povos indígenas, sem exceção, conhecem o valor da palavra coletividade, mas, quando nossos colegas e professores — sim, mesmo os professores, muitos deles — tomam conhecimento de que há um indígena na sala de um curso do ensino superior, reproduzem tanto racismo que a única forma de não nos ferirmos mais, para além dos 521 anos de extermínio (acontece ainda, mas com outros nomes, tá?), é deixar a tão sonhada realização de pertencer a esse espaço (acadêmico) e poder ajudar a sua família e a sua comunidade atuando com autonomia em outras esferas.

110 O primeiro preço a pagar é o individualismo de muitos. Depois, a competição para dizer quem é mais inteligente. Logo surgem os comentários: “quanto ganhamos por filhos”, “queria ser *índio* para ganhar bolsa”, “você têm privilégio”, blábláblá. Então começamos a ficar de lado, porque não somos capazes de fazer um bom trabalho acadêmico, etc. E o pior é que não são só os colegas; os professores doutores dizem: “ele/ela não tem capacidade, é índio/índia, tadinho/a”.

A nossa sabedoria, vamos dizer: é cuidar do outro sem esquecer quem somos, é respeitar os velhos sábios conselheiros, respeitar o outro, é contar experiência/vivência em forma de história em volta da fogueira, é cuidar do espírito nosso e da comunidade. O nosso ser é coletivo. Desde o ensino básico, a educação ocidental tenta tirar essa parte de nós.



MAIS UMA INTERPRETAÇÃO EM DEMASIA?

Poderia citar inúmeras leituras que realizei ultimamente e que são vozes de quem está do nosso lado — sim, aqui nessa margem que também é a face da nossa re-existência. Porém, vou falar mesmo é da nossa experiência como sabedoria válida, porque é.

Em “um lindo dia”, a pessoa indígena chega “do nada” no ensino superior e se depara com uma situação de “igualdade”, que a impede de reclamar sobre qualquer coisa, pois lá dentro todos têm os mesmos direitos e deveres, certo? Errado.

Nós somos sujeitos que vivemos um processo histórico da oferta de educação que nada tem em comum com a realidade das pessoas que frequentam esse espaço, ou seja, as pessoas brancas. Nossos corpos nem são reconhecidos como corpos acadêmicos.

O meio acadêmico não reconhece que há pessoas ali com referências de conhecimentos milenares, transmitidos por líderes que morreram para nós termos acesso a essa esfera de poder.

No ensino superior, muitas vezes nós temos que estudar duas vezes mais: o que deveríamos ter conhecido no ensino básico e os conteúdos que estão sendo oferecidos nas disciplinas dos cursos.

Ninguém está aí para a questão de que estamos lado a lado com aqueles que tiveram condições de juntarem suas bagagens nos cursinhos preparatórios para estarem ali assumindo suas vagas.

A universidade é pública, deveria considerar o ensino público ofertado para indígenas na base de ensino, mas não respeita. Se temos uma educação básica diferenciada, por que ao chegarmos no ensino superior a nossa realidade é invisibilizada e, pior, reproduzida dos livros de literatura, ainda?

Os grupos de articulações indígenas das IES precisam continuar ativos para que não caiam no silenciamento as vozes acadê-

micas indígenas. Há uma afirmação de que estamos vinte anos atrasados no âmbito educacional.

Eu pergunto: não seria por falta de respeito às comunidades indígenas e pelas péssimas condições (várias) de vida que vivemos, e ainda por termos que encarar o racismo incansável contra nós, nos inúmeros espaços que não nos respeitam???

“Diálogo e Reflexão”.



Vai e inventa novas linguagens se for preciso (E É). Não se cale!!!
(Grada Kilomba)

112 As nossas vozes, em todos os dialetos, foram arrancadas de nós. Agora é preciso inventar novas linguagens que digam quem somos — fora do padrão, fora do patriarcal, fora do colonial...

Aquelas que não causam mais feridas para dizer quem pode falar, o que pode ser falado e onde se pode falar..

Segundo Grada Kilomba (2019), as nossas palavras definem o nosso lugar de identidade.

As terminologias limitam a verdade da nossa condição humana.

As regras da língua ditam um lugar para nós e, com toda a certeza, esse lugar não traz privilégios.

Aprendi uma nova linguagem quando me responsabilizei em dizer que universidade é Território Indígena, quando deixei o espaço acadêmico fisicamente, porque lá dentro eu não era eu mesma.

As presenças indígenas no espaço acadêmico, inserindo suas linguagens e autodefinições, são atuações políticas. É construir poder e conhecimento!!!

Eu não consegui, enquanto estive na universidade, mas você não precisa adoecer mais uma vez sem saber que você é sujeito nesse espaço, e não um objeto.

Vamos juntxs construir outra linguagem?



QUEM SOU EU NA FILA DO PÃO, OPS, NA FILA DA UNIVERSIDADE?

A SILENCIADA!

Vem aqui que deu tempo de postar esse tbt para dizer que nem eu entendo o quanto, por seis anos, sobrevivi ao silenciamento na graduação.

Sim, eu quase sofri a metamorfose de Kafka...

Pelo RACISMO!!!

Mas agora eu sou a força total das minhas ancestrais!

113



E NÃO DEVE CONTINUAR SENDO ASSIM!

O que nós, indígenas, precisamos saber antes de ir para o ensino superior:

Duas vezes mais cobrança: não viemos de escola particular, nem fomos capacitados pelos famosos cursinhos, vamos no nosso tempo. Aceitar essa realidade é ter consciência de barrar as violências; responsabilizar-nos pela desigualdade no ensino superior é desumano, um caminho para a depressão. Exigir respeito aos nossos direitos é praticar autonomia e protagonismo indígena; o isolamento não só nos afasta do sonho de buscar nosso diploma, ele tira uma parte do que somos! Cuidado com nosso corpo (espírito) é o maior recurso para enfrentar esse mundo competitivo e individualista da universidade. Nesse lugar, tentam apagar nossa identidade de todas as formas...

Não se perca lá dentro buscando títulos para completar um mundo que nos exclui. O nosso saber e a nossa forma de ser devem ser respeitados!

114 Se você é acadêmicx no Paraná, já passou por isso em algum momento.

Se você pretende ser acadêmicx, NÃO ACEITE ISSO!!!
É RACISMO!!!

Estamos aqui para combater essas violências e cuidar das feridas causadas pelo colonialismo.

Tudo o que limita ou exclui as nossas presenças na Universidade é racismo.

Tem que acabar!

Apoie a nossa articulação de defesa e fortalecimento das presenças indígenas no ensino superior!



ACONTECEU COM QUEM, PARA EU AFIRMAR ISSO?

ADIVINHA???

Se não é você, é alguém que você conhece...

Se você vai participar do vestibular indígena em julho, chega aqui para a gente conversar.

Alguns sentimentos de pessoas indígenas no ensino superior:

Solidão: a rejeição dos grupos de trabalho nos atravessa deixando a marca da solidão, que por consequência traz o

Desânimo: sentimos tristeza e cremos em nossa incapacidade. Ausência é o resultado

Falta de forças: lutar por um espaço que nos exclui é desgastante. Acreditamos que aquele lugar não é para nós

Inferioridade: então surge o medo e a vergonha, nessas alturas estamos desmotivados

115

Até o dia em que somos excluídos totalmente, ao ponto de não querer voltar mais. Entenda: na maioria das vezes, a única esperança para nós e para a nossa família é um espaço nesse mundo acadêmico, e ele nos nega a presença.



Povos com suas histórias, povos com suas escritas, povos indígenas que respeitam tudo o que tem vida. Povos que reaprenderam,

reconectaram com as memórias adormecidas pelo imperialismo e se articulam na própria linguagem colonizadora para reivindicar o direito à vida!

Sabemos a nossa língua, a nossa história, a nossa escrita, a nossa teoria, aprendemos as do Outro e fazemos Re-existência!!!

Descolonizando metodologias — pesquisa e povos indígenas:

Os nossos modos de escrever sobre as nossas existências e sobre por que elas foram anuladas com a afirmação de povos “não civilizados”.

As pinturas corporais: escritas em pinturas corporais de cada etnia marca(va)m as diferenças entre povos e o significado dos valores.

Grafismo nas tecelagens: histórias escritas nas vestimentas, identificação de uma articulação específica de cada povo.

116

As casas: os formatos das construções dizem sobre quem ou quais são os corpos que se abrigam nesse espaço.

Cocares e sua ausência: o uso do cocar ou a sua ausência é a forma de escrever a etnia de cada povo. A forma de cada cocar também é um texto do significado do corpo que o usa (liderança, *txamõi* ou simplesmente um povo que não usa esse adorno).

As florestas e os numerosos povos: as vastas florestas, os recursos naturais e os incontáveis povos aqui encontrados durante a invasão eram as escritas de quem sustentava a vida e uma Articulação de respeito ao espaço que não precisava de documentos em papel, mas se firmava nas palavras e nas atitudes. Povos sem lei?

Por que fomos anulados? Para manter o império, nossas linguagens e escritas foram apagadas. Para não ouvirem nossos saberes, nem respeitarem nossos corpos, fomos silenciados. Não quiseram ler nossas escritas, nossas histórias, nossa teoria... era conveniente inventar e registrar História sobre nós, para nos desumanizar e dizer que não somos civilizados. O império precisa disso.



ALGUMAS DAS FRASES, NÊ... SÃO MUITAS!!!

Mais uma interpretação em demasia? Mimimi? Não, são seis 6 anos de experiência... aprendendo quem eu não quero ser...

117

Foi então que eu questioneei: cadê os meus amigos, os que vieram comigo e, quando eu me abaixei para curar uma ferida aqui, outra ali, ao me levantar, eles já haviam partido?

EXCLUÍDOS, você quer dizer!

As frases que têm mais peso para as pessoas indígenas na universidade?

A colega ter filhos é “óóó, ela cuida do filho e estuda” (uma inspiração).

Se for mulher indígena é: “para que mais filhos? eu, hein”.

Se tiramos notas boas, “o professor deu nota”.

Se tiramos notas baixas é: “coitado, ele não sabe fazer”.

Cotas é: “eu apoio”.

Se for para indígenas é: “ah não, agora vão tomar nossas vagas”.

Nos grupos de trabalho: “sempre tem lugar para mais um”.

Se for indígena: “o grupo já está completo, não dá”.



PARA NÃO DESISTIR, COMO QUEREM...

Falar de educação para nós, indígenas, é desafiador no sentido de que tratamos de direitos que foram e são anulados.

118 A nossa luta é guiada pela reivindicação de respeito aos seres que acessam o espaço acadêmico e pela nossa permanência nesse espaço tão excludente.

A realidade que vivemos no ensino superior é mais uma etapa de extermínio por meio do poder da limitação, da desumanização, do silenciamento e controle. E tudo isso vem na bagagem que o imperialismo trouxe na invasão.

Isso é verdade, pois se não temos oportunidade de concluir uma graduação para buscarmos melhorias para a nossa comunidade, arrumar emprego é sempre uma batalha interminável, da qual, por vezes, saímos tão feridos que a resposta são as péssimas condições em que permanecemos como se fosse o nosso único destino.

A nossa resposta é: Referências Indígenas!

Nós não somos seres que aprendemos ou ensinamos pela dor dentro de nossa comunidade, entre nós mesmos, mas na universidade, e também desde o ensino básico, é isso o que acontece. Não vamos continuar maquiando e romantizando essa experiência,

porque não deve ser assim. Somos pessoas com culturas diferentes, valores diferentes e não somos respeitados. Os nossos saberes são invalidados, anulados quase o tempo todo.

O projeto que foi construído para perpetuar a nossa exclusão, nós já conhecemos muito bem. O que precisamos fazer é reconhecer e desconstruir com estratégias essa violência de um projeto de extermínio secular para os povos indígenas.

O projeto que extermina o ser: eu.

Por que eu preciso saber?

Na universidade, esse projeto atua.

Nossa resposta: referências indígenas!



HOJE VOU CONTAR UMA HISTÓRIA!

119

“HistoREALIDADE”: nossos corpos não são reconhecidos como acadêmicos.

Na universidade, se eu silencio, sou guerreira e digna de aplausos, porque venci apesar de todas as violências. Se eu reivindico voz, critico as incoerências da esfera poderosa do conhecimento, sou exagerada, estou me vitimizando, fazendo tempestade em copo d'água.

Você já sentiu medo de debater sobre o racismo em sala de aula? Você já foi violentada por atos racistas e não teve forças para se defender? Já teve que apresentar trabalhos sozinho? Não conseguiu abordar uma teoria ocidental e foi reprovado? Já foi barrado em algum espaço da universidade? Quantos absurdos teremos que ouvir mais?

Tudo isso é racismo e extermínio, sabe por quê?

Precisamos de autorização para ter voz nas esferas de poder, eles decidem quem pode falar e o que querem ouvir. A “culpa” não é sua, é só o imperialismo se perpetuando, anulando nossa existência e se apropriando de nossas vidas.

NÓS NÃO VAMOS DEIXAR!!!

Kre, graduando do curso de direito, e eu, agora formada. Entramos pela porta da frente do RU (restaurante universitário) usando colares, brincos e pinturas corporais. A atendente recusou nossas carteirinhas de identificação. Insistimos MUITO até que fomos liberados para acessar o espaço.

Eu sempre me senti desconfortável em confrontar alguém, mas não dizem que é no “desconforto que a gente cresce”?

Naquele momento, acalmei meu companheiro e seguimos silenciados pelo medo de estarmos fazendo “tempestade em copo d’água”.

120

Passou, mas a ferida não fecha, e a conta chega. O preço do silenciamento é alto, e adivinha quem paga?! Não, não é o silenciador, somos nós.

Em 2019, comecei a contar o que passei lá, na universidade, e vi que não ganhamos nada “deixando para lá” as agressões que limitam as presenças indígenas no ensino superior.

Desde 2002, estamos com a lei que garante vagas nas universidades do Paraná. Quantos de nós conseguimos permanecer nesse espaço sem adoecer? Se você não se vê aqui, que bom, é uma exceção. Se você, assim como muitos de nós, não se sente merecedor de estar aí, eu estou aqui para dizer que SIM, esse espaço é nosso, A UNIVERSIDADE É TERRITÓRIO INDÍGENA.



O QUE VOCÊ FEZ?

Hoje, aconteceu um bate-papo no evento “Paraná faz ciência”.

Mulheres cientistas: a Diversidade em ação.

Comentei os diversos episódios de racismo. As tantas vezes que fui despedaçada para manter o imperialismo intacto.

Professores não acreditaram que isso tenha acontecido no espaço que atuam. Não sabem o mínimo do ato de exclusão, mas nós estamos aqui para contar.

Sim, comentei a irresponsabilidade de alguém que limita o corpo de uma pessoa indígena no espaço acadêmico porque os valores dela são diferentes.

O pior é quem limita. Quem limita? Quem deveria praticar a democracia, que tanto defende.

Não são todos. Não, não são, mas todos deveriam se sensibilizar, se posicionar, se responsabilizar pelo conhecimento que constroem em outras mentes, que resulta na sociedade racista que somos.

Vocês têm um poder nas mãos e nós estamos construindo o nosso.

Quando perguntamos QUEM VIU UM ACADEMICO INDÍGENA SOFRENDO RACISMO? Queremos saber: o que você faz com o seu corpo branco, o seu lugar de fala, de poder? Porque o espaço acadêmico é poderoso.

Ou a educação já desistiu? Já deixou de acreditar no ser humano que está no outro corpo que não o seu?

Ei, professor(a) universitário(a), viu um acadêmico indígena sofrendo racismo?



VOCÊ SILENCIA UMA PESSOA INDÍGENA QUANDO:

Diz que a visão dela sobre o racismo é "muito pessoal";

Diz que a visão dela sobre o racismo é "muito emocional";

Diz que a visão dela sobre o racismo é "muito específica";

Quando posiciona o discurso dela na margem como conhecimento desviante, enquanto o seu fica no centro.

Conhecimento ocidental, único válido.

Quando valida a "voz branca" como científica e a VOZ INDÍGENA como a-científica.

Uma hierarquia violenta que determina quem pode falar.

Além da imposição sobre o nosso corpo espírito Território, o imperialismo também impôs autoridade sobre todos os aspectos das nossas vozes, conseqüentemente anula nossas existências.

A NOSSA TAREFA É DESCOLONIZAR A ORDEM EURO-CÊNTRICA DO CONHECIMENTO!!!

122

Das leituras de Memórias da Plantação (GRADA KILOMBA)

A universidade é Território Indígena e nós vamos retomar!!!

E você que é um corpo indígena na universidade, já teve o seu discurso anulado com a máscara do silenciamento?

O centro acadêmico não é um lugar neutro.



A desconstrução dessa ideologia reproduzida desde os tempos da invasão de nosso território Abya Yala deve ser feita com a inteira participação de nós, povos indígenas, em todo momento e em qualquer contexto. Não existe nada mais presente e originário do que o Nhandereko se revelando em cada passo, em cada respiração e a cada palavra dita por nós.

Vou te contar uma história. Certo dia, uma pessoa concluiu o TCC com o apoio de estudantes indígenas, mas muito me impressionou ela ter deixado de seguir a página UNIVERSIDADE TERRITÓRIO INDÍGENA após criticarmos os trabalhos de quem carrega apenas o interesse nos esforços das pessoas indígenas em “fazer” o trabalho todo, pra depois ser divulgado e valer como título a alguém que está pouco se importando com as necessidades das pessoas indígenas nos espaços acadêmicos, assim como em outros.

Precisamos revelar através de nossa participação, seja ela como for, acadêmicos indígenas ou parte de uma Resistência em coletivo, transmitir a angústia de 521 anos de sobrevivência. Converse com indígenas e ouça as palavras de nossos antepassados através de nossas vozes.

Sabe o que nós desejamos? É que você pegue o seu privilégio e, com seu próprio esforço, enfie na cabeça das outras pessoas uma visão sobre a nossa luta para, de VERDADE, mostrar o seu interesse em derrubar essa estrutura RACISTA que perdura contra nós, indígenas.

Qual a contrapartida que o seu trabalho acadêmico tem para os povos indígenas, na prática?



Os espaços que estamos acessando com muita resistência ainda não são o suficiente para conseguirmos defender nossos corpos/territórios. É necessária muita mobilização no sentido de lutar por presenças indígenas nas universidades, pois se é nesse espaço que criaram e fortaleceram as práticas e o imaginário racistas sobre a diversidade cultural, é justamente aqui que construímos as ações de combate ao imaginário ocidental sobre as vivências indígenas.

Quando pensamos em presenças indígenas no espaço acadêmico, assim como em muitos outros, as evidências comprovam essa realidade. Porém, aqui falamos desta perspectiva por causa do objetivo estratégico da obra.

Para falar de espaço acadêmico, ensino superior, universidade para indígenas, é necessário voltar à história, não porque ela nos interessa e nos representa, mas para compreendermos as respostas que recebemos sobre o nosso acesso à esfera acadêmica, quer dizer, a negação do nosso direito de permanecer nesse lugar. Para melhor compreendermos isso, é indispensável que nos voltemos para as análises das fases pelas quais passou a educação básica oferecida às pessoas inferiorizadas, embasadas no diálogo dos interessados, como também é indispensável o questionamento crítico de tais fases para compreendermos a limitação de presenças indígenas no ensino superior.

124



Quando nos questionam sobre nossas palavras nos dizem: “você é muito quietinha/o, tem que falar mais”. Temos, porém, medo e vergonha de errar, porque o saber considerado válido e prestigiado não nos representa e nós não o dominamos, ele não faz sentido para nós, por isso não queremos errar no campo acadêmico, no qual o nosso intelecto é atacado pelas próprias disciplinas que a matriz curricular da universidade carrega quando oferece um saber único e válido, o saber ocidental. Desde o ensino básico, a educação não nos encanta. Começa na limitação do espaço, uma sala onde todos são direcionados para uma pessoa só e essa pessoa é um agressor (vários relatos de amigos meus dizem sobre as agressões sofridas), mas os pais indígenas também eram impelidos a concordarem

com essas ações, eram subordinados pela falta de estrutura e condições de vida, uma vida que nunca levou em consideração os nossos valores.



A experiência no Ensino Superior me fez refletir sobre a minha realidade enquanto corpo indígena num espaço em que eu me sentia constantemente excluída. Os questionamentos sobre o sentimento ruim desse lugar não me traziam respostas com as quais eu pudesse dialogar sem problemas.

As memórias adormecidas dos meus ancestrais iam me guiando para as respostas. Eu percebi a importância potente dos sábios mais velhos, os quais podem contar sobre toda a violência que atrofiou a nossa articulação e, mesmo assim, permitiu-nos resistir e sobreviver.

125

O espaço acadêmico, pensava eu, é um lugar que não fala da minha realidade. Desde o Ensino Básico, eu fui levada a conviver com a tentativa de apagamento da minha identidade indígena, que gerava um constante sentimento de silêncio e vida miserável, de pobreza mesmo, pela fragilidade da condição de mulher que acompanhou a geração da qual faço parte. Uma luta diária pela sobrevivência.

A evidência é que todo o território brasileiro é indígena. Então por que não reconhecem o nosso valor, a nossa história, por que não nos respeitam?

Demorou para que eu entendesse isso. Na minha formatura, fui para a colação de grau com o rosto pintado e o cocar, decidida a mostrar o lugar que ocupo na sociedade, mas no fundo eu sabia que algo estava errado, só não sabia o quê.

Participando de uma aula com o professor Gersem Baniwa, ouvi a seguinte frase: “Não romantizem a nossa história. Receber indígenas nas conclusões de cursos superiores de cocar e tudo não muda o que nós vivemos”. Eu entendi dessa forma, então muita coisa passou a fazer sentido.

O que quer dizer tudo isso? Além de passar a graduação inteira sem saber fazer presente a minha voz, me deparar com atitudes preconceituosas, me adaptar forçadamente e dolorosamente a uma realidade tão diferente da minha, conviver com valores que não batem com os que conheci, ainda tenho que provar que sou indígena?

A formatura foi linda, sim. Me apropriar dos meus pertences, dos objetos que me identificam como uma MULHER INDÍGENA, que apesar de todas as dificuldades concluiu o ensino superior, é lindo, mas apenas destacar essa “beleza” do acontecimento não muda as lutas e a re-existência com as quais estamos constantemente agindo.

126

Sofremos com a desvalorização da nossa existência, somos vistas como algo inédito, como se índio não possuísse capacidade de estar no Ensino Superior. Os cursos de “elite” não nos aceitam.

Todos acham bonito o nosso modo diferente, mas poucos se interessam realmente em saber sobre as nossas feridas seculares. Ouvimos insinuações de que somos privilegiados quando, para que pudéssemos estar aqui, tivemos que sobreviver a um extermínio.

Tudo é muito bonito: indígenas no ensino superior, indígenas se formando, etc. Mas poucos ouvem e apoiam nossa voz, nossa luta, nossa resistência.

Depois de formada, comecei a publicar a realidade que passa uma pessoa indígena na universidade via mídias sociais e, nesse momento, comecei a receber muitas respostas sobre a temática da Universidade Território Indígena.

A verdade é que o centro acadêmico foi construído em cima de sangue indígena, uma violência física e simbólica. O desejo de buscar as referências indígenas desde o Ensino Básico para o fortalecimento da identidade e luta dos povos indígenas por seus direitos e para dentro da universidade é o que motivou esse trabalho, que está apenas no início de uma longa jornada.

Mulheres indígenas, vamos nos apoiar e compartilhar nossas experiências, visando construir nossa autonomia e usar da nossa voz para divulgar a vivência real, com beleza, sim, mas com a realidade de luta também.



Apesar de todas as violências, conseguimos imergir na conclusão da graduação nas universidades e, dessa realidade, surgem as perguntas:

127

Por que não falam das presenças indígenas e dos seus valores nos espaços que constroem educação e conhecimento?

Por que não há materiais em quantidade suficiente para que não se perpetue o racismo contra os povos indígenas?





O CONHECIMENTO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE



É quase um ritual.

Porque o momento pede!

Hoje faço uma participação em aula no curso de Letras da UEM.

“A língua portuguesa e as comunidades indígenas: reflexões”.

Como se trata de Educação, e para os povos indígenas, isso tem um valor que não dá para medir. Faço aqui uma preparação para um território/ambiente que fortalece a minha luta no campo da educação.

Estamos sofrendo mais um golpe na educação Indígena. Não só por isso, mas sempre que sou convidada a falar das causas indígenas, principalmente da educação, eu sempre faço essa preparação.

Nesse momento, então, é mais importante ainda que haja um fortalecimento das lideranças. Por isso, mesmo não atuando na linha de frente, eu busco em *Nhanderu* pedidos e fortalecimento de causa justa para as comunidades indígenas do Paraná.

129



DA LEITURA DE MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO (GRADA KILOMBA)

Parentes, meus queridxs parentes indígenas, sabe aquele momento em que você ouve e acredita que VOCÊ NÃO TEM CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO na academia?!

É porque aquele espaço não é para a nossa VOZ! Isso é intencional, não tem nada a ver com déficit de atenção, incapacidade intelectual, etc. São séculos de estratégias de SILENCIAMENTO!

Sabe aquele momento em que a sua cultura é generalizada e, pior, são ressaltadas todas as situações em que você é visto como INADEQUADO na sociedade ao redor?!

É porque nesse espaço a sua VOZ não “pode” ser ouvida. Não deve ser ouvida! Aqui, a estratégia é a anulação do valor da sabedoria indígena!

Sabe aquele momento que romantizam a sua presença no ensino superior e proferem palavras que a/o colocam na posição de privilegiado?!

É para que você se cale e não questione a situação de vida da sua comunidade! É para que a sua VOZ não seja ouvida!

Sabe aquele momento em que não acreditam que você pode fazer um trabalho acadêmico engajado e de qualidade? É porque, até mesmo no piloto automático, praticam racismo, e na maioria das vezes é totalmente intencional, porque você não pode ser ouvida/do!

130

Sabe aquele momento em que o seu espírito grita por presença das referências indígenas da sua área, mas elas não existem?!

Não é que não existam — o que existe a academia não usa! E os que existem são considerados sem base teórica (a-científicos)! A nossa VOZ não pode/deve ser ouvida!

Reflexão: quem pode falar e quem não pode; por que não pode falar; por que não podem ser ouvidos;

Já pensaram nisso?

VEM, PARA JUNTOS FAZERMOS OUVIREM A NOSSA VOZ!!!

Também e principalmente no ensino superior, diga aos jovens do Paraná que avancem, JUNTXS SOMOS MAIS FORTES!



UM LUGAR DE VOZ

Se você falar da sua dor, mas estiver na margem do conhecimento “verdadeiro”, diz Grada Kilomba, você é a minoria, então você interpreta em demasia...

NÃO PARE, busque um lugar para a sua VOZ!

Se você defende um conhecimento, mas não tem “documentos” que provam isso, a sua voz não tem valor...

CONTINUE, busque um lugar para a sua VOZ!



NHANIMONGUETA PYTSAKA PORÃ

KO'Ê PORÃ, TXEIRÛ KWERY!!! (BOM DIA, AMIGOS!!!)

Humanizar o ensino é permitir a escolha, considerando a condição do lugar de onde o outrx fala, aquilo que está ligado à realidade de cada sujeito.

Que sejamos sujeitxs e não objetos daqueles que pesquisam e desenvolvem suas teses.

É preciso que falemos por nós!!!



TRÊS DICAS...

Três conselhos...

Três exemplos de autonomia da voz da mulher indígena no ensino superior que, há seis anos, se eu soubesse o que sei hoje, eu daria a mim mesma...

Ainda tenho muito que aprender.

Se eu tivesse o contato, ainda que virtual, das parentas que me inspiram a não desistir, todos os dias...

Isso é só o começo; para destruímos os racismos no ensino superior, temos muito chão ainda...

É um trabalho de formiguinha.

Já compartilha aí, parentes, para que isso chegue para as mulheres guerreiras do Paraná e do Brasil...

Obs: o vestibular indígena do Paraná acontece esse ano.

Se ajudar uma, apenas uma mulher, eu já fico feliz.

Juntas somos mais fortes.

132



NÃO FAÇAM ISSO!

A sociedade reproduz o racismo e, conseqüentemente, nos silencia.

Sim, aconteceu comigo. E com você, mulher indígena, mãe, acadêmica do Paraná, aconteceu também, né!?

No primeiro contato, nas trocas de algumas palavras, somos rotuladas.

O afastamento se inicia, os trabalhos em grupo são cada vez mais difíceis, o medo, a vergonha, a tristeza e a solidão se tornam cada vez mais um terror latente.

“Eu já não sou capaz de apresentar meu trabalho em um evento da Universidade” (relato meu).

Início o projeto PIBID diversidade, apresento apenas para o grupo do projeto. Detalhe, todos indígenas e atuantes nos projetos que nos aceitavam.

Meus trabalhos sempre mereceram notas, que pena, só notas. Quando elas faltaram, meu intelecto foi considerado incapaz. Será que não foi por toda a violência psicológica enfeitada de privilégio no ensino básico? E o pior, na maioria das vezes, apresentava trabalhos sozinha, eu olhava para rostos que me desestabilizavam com suas expressões, não era possível que uma mulher, mãe de três meninos pequenos, que se formou no supletivo (ensino médio) fosse capaz de estar ali falando sobre assuntos que não são do “bico” dela. Quase “gabaritei” um trabalho de seminário, a amiga disse:

— Você viu como a professora é boazinha? Quê?

Mas eu re-existo, já falei isso aqui? Ah, mas é claro!

“Peguei” conteúdos/temáticas da educação escolar indígena e tudo que vinha eu apresentava povos e lutas, e assim foi.

Era assim, eu pegava os conteúdos dos meus conhecimentos (realidade indígena) e atingia notas. A batalha já estava ganha, porque sensibilidade humana eu já tinha, respeito também, o que me faltava era estudar mais, mas ensinar eu posso.

Quase seis anos silenciada, mas no meu silêncio, eu agia estrategicamente. Não faça isso, eu me saí bem por sorte, mas tem horas que parecia que eu ia enlouquecer...

Não romantizem, nós não somos obrigadas a passar por isso. Tenha a sua voz, exija respeito e, principalmente, o seu lugar. Se não, sempre seremos massacradas pelo poder com o discurso de que somos menos inteligentes, incapazes e, infelizmente, seremos silenciadas.



DE MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO (GRADA KILOMBA)

Parentes, meus queridxs parentes indígenas, sabe aquele momento em que você ouve e acredita que VOCÊ NÃO TEM CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO na academia?

É porque aquele espaço não é para a nossa VOZ! Isso é intencional, não tem nada a ver com déficit de atenção, incapacidade intelectual, etc. São séculos de estratégias de SILENCIAMENTO!

Sabe aquele momento que a sua cultura é generalizada e, pior, são ressaltadas todas as situações em que você é visto como INADEQUADO na sociedade envolvente?!

É porque nesse espaço a sua VOZ não “pode” ser ouvida. Não deve ser ouvida! Aqui a estratégia é a anulação do valor da sabedoria indígena!

134

Sabe aquele momento que romantizam a sua presença no ensino superior e proferem palavras que a/o colocam na posição de privilegiades?!

É para que você se cale e não questione a atual situação de vida da sua comunidade! É para que a sua VOZ não seja ouvida!

Sabe aquele momento em que não acreditam que você pode fazer um trabalho acadêmico engajado (no espaço superior)? É porque, até mesmo no piloto automático, praticam racismo, na maioria das vezes é totalmente intencional, porque você não pode ser ouvida/do!

Sabe aquele momento que o seu espírito grita por presença das referências indígenas da sua área e não tem?!

Não é que não tem, o que tem a academia não usa! E os que tem são considerados sem base teórica, a-científicos, interpretam demais! A nossa VOZ não pode/deve ser ouvida!

Reflexão: quem pode falar e quem não pode; porque não podem falar; por que não podem ser ouvidxs;

Já pensaram nisso?

Abril INDÍGENA, NÃO BASTA REFLETIR, TEM QUE ATUAR, ARTICULAR ESTRATÉGIAS PARA RE-EXISTIR!!!

VAMOS JUNTXS FAZER ECOAR A NOSSA VOZ, COMO O SOM DO MBARAKA!!!

Digam também e principalmente no ensino superior, aos jovens do Paraná que avancem, JUNTXS SOMOS MAIS FORTES!



“AÇÃO”: SE FAZ SENTIDO, JOGA PARA O MUNDO INDÍGENA, MEU POVO!

135

Estratégias para trazer a realidade indígena para as universidades.
Experiências minhas:

1. Seminários: apresente trabalhos que mostrem a realidade do seu povo ou da sua comunidade;
2. Projetos: participe de projetos que abordem a temática indígena; apresente o artigo sempre, quando e onde puder. É necessário!
3. Referências indígenas: procure, conheça e use referências indígenas para fortalecer a voz no seu texto/discurso. Temos todo o direito e a responsabilidade de fazer isso. Se esperarmos autonomia de outros, eles não vão nos dar nunca (Gersem Baniwa);
4. Fortalecimento das presenças indígenas: no mês “abril indígena”, promova seminários para trazer

a questão indígena para o “ensino superior”. Temos direito, autonomia e responsabilidade para fazer isso (silenciamento, não);

5. Protagonismo indígena no ensino superior. A universidade deve conhecer, respeitar, inserir e promover a permanência das presenças indígenas. Essa voz é sua, é minha, é nossa!



UMA PEQUENA CERIMÔNIA PARA CELEBRAR O ENCANTAMENTO DO DIA DE HOJE

136

Por, pela primeira vez na vida, estar na presença de uma referência para mim, o professor Edson Kaiapó.

Às pessoas que aqui chegam procurando acolhimento.

Às pessoas que nos apoiam e, junto com a gente, acreditam que ainda haverá um futuro melhor para os nossos corpos.

O que acontece quando usamos as referências indígenas:

Somos acolhidos

Fortalecemos a coletividade

Fortalecemos a nossa identidade; construímos novas linguagens

Cuidamos do espírito; agimos com autonomia (mostrando as nossas vivências)

Aprendemos novas estratégias de re-existência; nos conectamos com a nossa ancestralidade

Usamos as nossas vozes no combate ao racismo:
combatemos as violências e o extermínio.



TEM SOLUÇÃO? SEMPRE TEVE!

O que eu precisei e não tinha quem me falasse...

Vamos de bilhete cultural para o nosso “Agosto Indígena”.

A realidade é desafiadora, mas tem solução e a responsabilidade é nossa.

Eu tenho referência indígena, eu sou referência indígena.
Continuo porque vocês são as minhas referências indígenas.

Juntos somos resistência!!!

Ah, que saudade dos textinhos.

Dicas para quando formos à universidade não existem!

“A nossa luta começa no chão da nossa aldeia” (Professor
Gersem Baniwa)

Por isso, na busca pelo seu diploma, respeite a realidade de
ser indígena.

Vamos amenizar essa dor atrelada às condições de ser indígena,
de quem está em constante luta por sobrevivência.

Lembrar sempre quem nós somos, de onde viemos, por que
estamos aqui, o que desejamos para nós, para a família e para a
comunidade.

A responsabilidade é reforçar esse saber, desde as memórias
dos nossos pequenos, para destruir o racismo no ensino superior!



RESPEITEM OS NOSSOS MODOS DE SER...

Respeitem os nossos saberes...

Respeitem a nossa vida!

Sim, aprendemos cantando, dançando, comendo milho, peixe, mandioca, batata assada e outros...

Ah, já não é assim. Questionem por quê.

Em círculo: vemos e ouvimos, ninguém é melhor que ninguém. Aqui todos aprendem com amor.

Se não é assim, é bom questionarmos por quê.

Os nossos registros, as nossas histórias somos nós, quando falamos. Deem-nos espaço para ouvir nossas vozes!

A nossa riqueza não é o pasto ou a monocultura, com desejo de acumular fortuna.

A nossa riqueza é a vida, tudo o que tem vida. É o RESPEITO pelo corpo/espírito que não é o meu, que é o OUTRO.

A nossa luta é pela Mãe Terra, é pela Vida!!!

Sigamos comemorando sem esquecer que estamos em guerra. Não porque queremos, mas porque precisamos defender a vida.

Porque acreditamos ainda... porque sonhamos com o melhor para as nossas crianças e nossos velhos...

Data de RESISTÊNCIA/RE-EXISTÊNCIA!!!

Por que somos universidade indígena? Nossos Doutores são os *Txamõi* e *Djaryi Kwery*. "Nossos sábios velhos".



UMA “histoREALIDADE” PARA COMEÇAR A RE-EXISTÊNCIA DO DIA

Aqui, ainda o medo oriundo da atitude de uma professora que me reprovou por 0,1 me dizia: você não é capaz!

E era paralisante. Na hora de realizar o grande sonho de pegar o meu diploma, a minha cabeça doía tanto que eu não me sentia merecedora daquilo.

De fato, me perguntava: o que eu faria depois dali?

Mas nada, NADA SEGURA UMA MULHER INDÍGENA que sobrevive e sonha viver pelos seus e com eles.

Fiquei um ano num processo de assumir a minha liderança na Educação.

Senti medo? Sim, mas dessa vez, eu já tinha determinado o que eu iria fazer: Iria dar aula, iria ensinar e aprender muito mais ainda.

139

Agora, estou correndo para postar um texto de incentivo e chegar no horário da minha aula para o 9º ano, na minha comunidade Guarani.

Para mim, isso é ser Re-existência, sim. Porque eu tinha tudo contra a minha vida e venci essa etapa.

Agora, faço pelas outras vidas o que não acreditava que poderia fazer pela minha...

Salve, segundona! Para cima, gente!

Aporãete, Nhanderu!!!



PORQUE AQUI TODO DIA É DIA DE REFERÊNCIA INDÍGENA!

A obra QUANDO EU CAÇAVA TATU E OUTROS BICHOS é perfeita para a sensibilização e respeito às crianças Guarani *Nhandewa* no que se refere à experiência da comunidade.

Pode ser usada em vários contextos em que as crianças estejam inseridas...

Resumindo, a gente só tem a ganhar.

Aporãete Tiago Nhandewa

Literatura Indígena, o que Tiago Nhandewa ensina nas suas narrativas: quando eu caçava tatu e outros bichos.

O que aprendemos? As crianças indígenas *Nhandewa* se veem dentro da narrativa. Reconhecem a própria identidade e se sentem pertencentes a um povo específico.

As crianças indígenas reconhecem a realidade de seus territórios e valorizam suas práticas como belas e insubstituíveis para a identidade indígena. Fortalecem o vínculo de amizade e o valor das brincadeiras que educam para a vida.

As crianças indígenas aprendem a contar histórias, praticam oralidade com confiança e prestígio pelo que estão comunicando: autonomia, referência, protagonismo, identidade, saberes ancestrais, valores.



“A imagem do indígena e o conceito sobre essas existências sempre ocupou um lugar relativo à perspectiva do ideal do colonizador, imperialista, que o tornava seu objeto de exploração, um significado abstrato, por subjetividade de quem controla violentamente as esferas de poder” (SMITH, 2018, p. 67). Dessa forma, tudo o que foi escrito sobre nós foi para nos silenciar, nos inferiorizar, desumanizar e exterminar.

As inúmeras histórias da literatura brasileira, por exemplo, “O Guarani” e “Tracema”, reforçam a construção do que seria uma sociedade civilizada com “mansos” e “doces” nativos, sem falar da definição dos “comedores de gente”, “sem lei”, “sem alma”, etc., ou seja, a literatura romantizava as violências sofridas por nós.

Se estamos resistindo até os dias de hoje, quer dizer que ainda estão tentando nos controlar. O que se encontra sobre as culturas tradicionais dos diversos povos indígenas ainda é irrisório em questão de conhecimento pertencente a uma nação que movimenta toda uma cultura nacional e, apesar disso, esse material não é discutido como referência nas instituições de ensino. Os saberes indígenas são negados, anulados nas esferas de poder, a começar pela Educação Básica. E isso é reforçado no Ensino Superior, nível em que as disciplinas trazem o conhecimento ocidental como único conhecimento válido.

Não contam, por exemplo, sobre o massacre e a dizimação de povos que houve em nosso país. O que os livros didáticos até pouco tempo traziam era a imagem do “bom selvagem” em belas pinturas, em harmonia com a natureza, com os bichos, no rio, em tranquilidade “mágica”.

Uma das maiores violências, que é consequência dessa violência institucional, acontece quando olhamos para as imagens e dizemos: “olha os índios”. Essa falta de identificação dentro da diversidade cultural nos apaga e anula. Sem identidade, não podemos reivindicar direitos. Desse modo, o ideal de que não

somos totalmente humanos e, por isso, devemos ser tutelados
vai se perpetuando.



A pesquisa no campo-espaco dos velhos sábios Guarani, conhecidos como *txamõi kuery* e *djaryi kuery*, precisa ser inserida como requisito básico para a gestão escolar indígena. Nós, profissionais da educação, sabemos a nossa história, sabemos da nossa luta, formamos nossas crianças com respeito, amor e sabedoria. Nós temos respeito pelos conhecimentos ancestrais contados pelos anciões.

142

Já conseguimos resistir há séculos, nos apropriamos do ensino formal e o potencializamos com os nossos conhecimentos. É necessário criar pontes de diálogos com as instituições que nos apoiam, assim como as universidades paranaenses que dispõem de vagas para a nossa formação, o que também é uma conquista das lideranças fortes, sábias e engajadas nas discussões por políticas públicas.



Quase não existem trabalhos acadêmicos que nos apresentem como sujeitos, considerados por nossa própria perspectiva, e não por outros que nada sabem da nossa realidade e nos posicionam sempre como secundários, inferiorizando-nos com o discurso de tutela. Perguntamos onde estão as nossas histórias registradas para além da nossa memória ancestral, porque os nossos

registros na pele, no costume e no ensino foram tirados de nós forçadamente. É uma característica nossa a aprendizagem por memórias e práticas humanizadas de sensibilidade pelo outro, mas se a academia exige nossos registros, que sejamos nós os próprios escritores engajados e críticos das problemáticas do enfrentamento de desafios para defender nossa existência. Esperamos um dia poder apenas desfrutar da oportunidade de viver, e não mais gastar energia defendendo a vida e lutando para existir, porque isso é o direito básico de todo cidadão. É por isso que estamos dispostos a mobilizar o nosso espírito guerreiro e mudar a realidade com toda a nossa re-existência.



As nossas referências são os nossos sábios mais velhos da comunidade, porque eles sabem da história, contam com detalhes toda a nossa resistência de cinco séculos e os nossos saberes que ficaram adormecidos pelo veneno que a colonização nos obrigou a beber. Esses nossos doutores são a base do nosso ser dentro de nossos territórios, e são a peça-chave para uma educação que oferece autonomia à juventude e possibilita o nosso avanço na vida escolar até a conclusão do ensino superior para assumir a decisão por nossas demandas e desejo de viver.



A escrita, assim como todo saber ocidental considerado único e válido, tem excluído os saberes tradicionais ancestrais dos povos

indígenas e nos nega o direito de teorizar tais saberes como conhecimento do que é ser humano. A história sempre foi contada por quem integra o poder, pelo privilégio de quem pode dizer o que é humano e o que não é, para poder perpetuar o controle sobre o Outro, ou seja, os povos indígenas.

Nós, como povos da oralidade, tivemos mais uma vez negada a nossa existência humana por não termos nossos saberes registrados em códigos semelhantes ao ocidental, como a escrita no papel. Essa, na verdade, sempre foi a justificativa para escreverem e criarem conceitos sobre nós, que hoje apresentam a real situação em que vivemos, a marginalidade.

Há espaços para nós. O que não existe é um diálogo que nos inclua ao centro, no qual possamos reivindicar direitos. Os que estão surgindo com tal perspectiva ainda são limitantes. As evidências comprovam essa verdade quando pensamos em presenças indígenas no espaço acadêmico, que é o veículo em que podemos problematizar o que escreveram sobre nós, assim como em muitos outros espaços.

144



NÓS TEMOS NOSSAS PRÓPRIAS REFERÊNCIAS

Os mais velhos constroem autonomia, por isso precisamos dar espaço a eles na formação das nossas crianças, na escola e na comunidade. Eles nos falam exatamente sobre a falta de expectativa do jovem adolescente em relação aos estudos, contando as histórias de como fomos inseridos nas instituições de ensino.

Falam das péssimas condições de vida impostas por um poder que nos controla desde o momento em que roubaram nossas terras e do silenciamento que vivemos por meio de punição, como a de Cobra Verde. Esse mesmo poder que criou o lugar de pobreza e nos colocou nele, para não ocuparmos os lugares de autonomia e protagonismo das nossas existências, o que nos limita a nos identificarmos como seres diferentes que merecem respeito e autonomia, desde o ensino básico até a universidade.

Os nossos valores são diferentes, as nossas perspectivas de enxergar o valor da Mãe Terra são diferentes. O conceito de riqueza para nós é diferente. A forma de adquirirmos conhecimento é diferente. A nossa forma de organização é diferente. É necessário compreender que dizermos “somos diferentes” não é a mesma coisa que dizermos “somos inferiores”. Desejamos viver como qualquer outro ser humano.

A falta de expectativa nos estudos não quer dizer que não gostamos de adquirir conhecimento, mas sim que não nos vemos representados pelo modelo de escola/ensino ao qual fomos e estamos sendo apresentados nessa etapa de “civilização”, que ainda não acabou. Não precisamos “arrumar” o que está “errado”. Precisamos achar a raiz do mal que afetou a nossa identidade.

É essa identidade que está confusa. Nosso trabalho é cuidar disso o quanto antes. Quem pode nos ensinar a cuidar para dar autonomia são nossos sábios velhos Guarani. Estes mesmos podem contar sobre a raiz do problema que se instalou nas comunidades com as ações violentas dos chefes de posto, ainda que estas pareçam, aos olhos de muitos, bondosas e generosas.



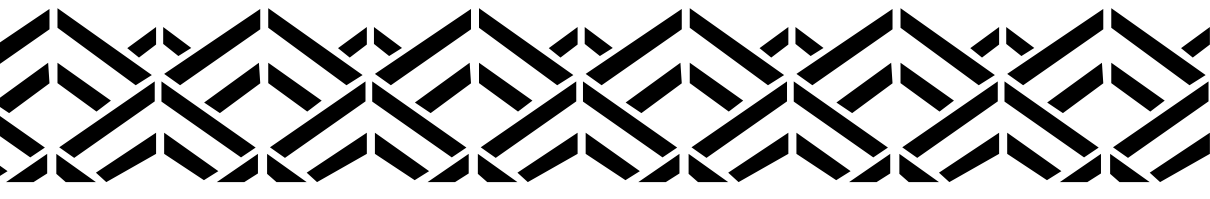
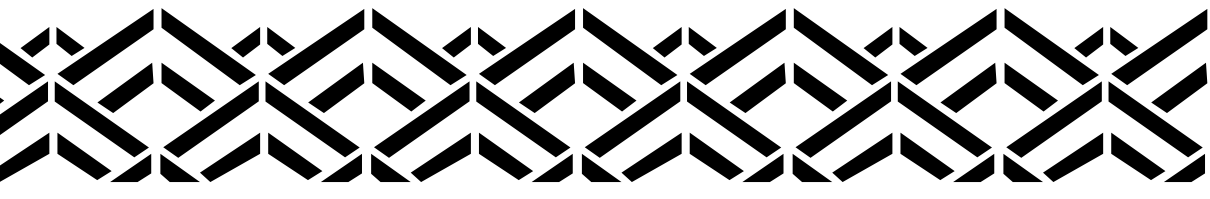
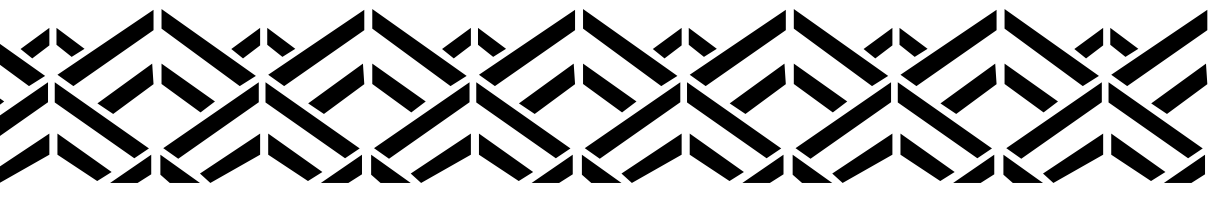
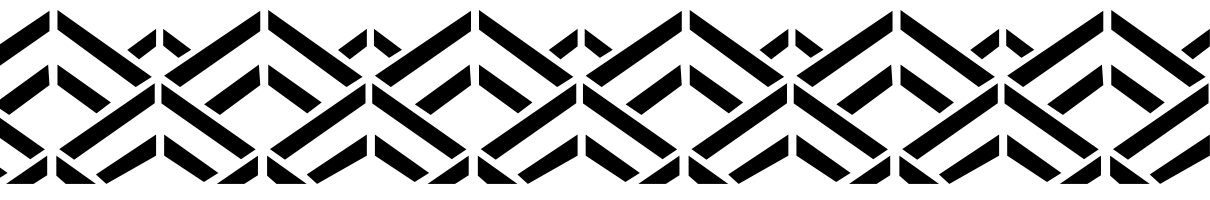
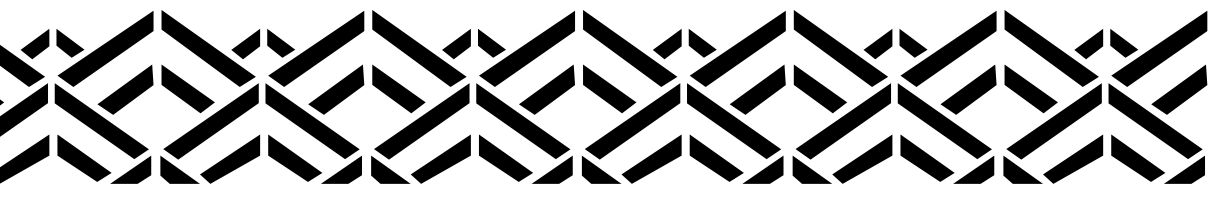
O conhecimento e a sabedoria dos mais velhos — que nos contam quem somos, de onde viemos e porque estamos vivendo a realidade em que estamos — é que vai nos permitir alternativas estratégicas de lutar pelos nossos direitos, reconhecendo e reafirmando nossa identidade. Nesse sentido, reforço e uso referências indígenas para mobilizar atitudes de respeito, autonomia e protagonismo indígena nas esferas de saber.

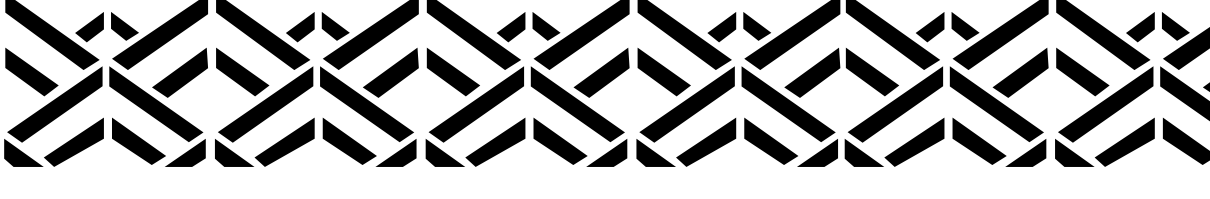
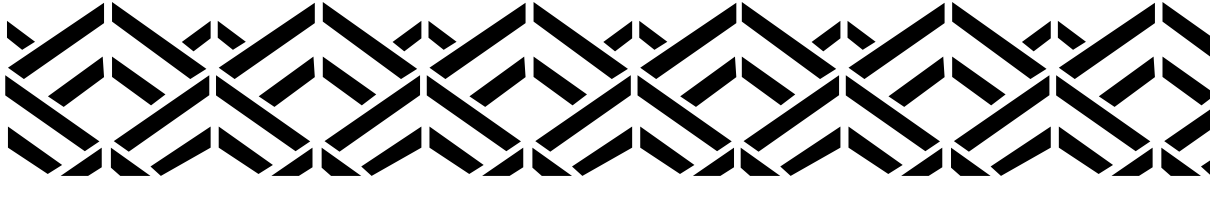
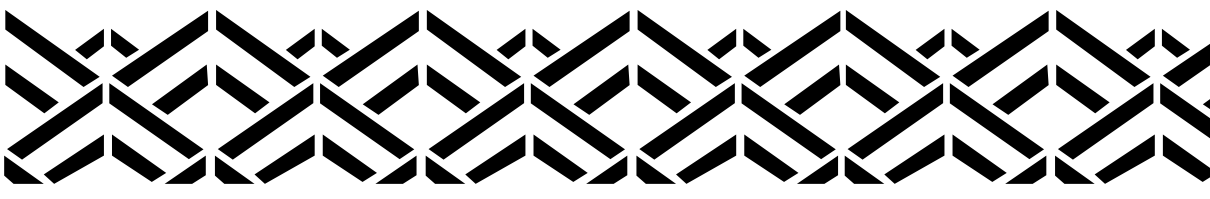


146

A autoria indígena sobre a sua própria identidade, como referência de estudos, legitima as existências dos chamados doutores dos territórios ancestrais, que são os sábios anciões e anciãs mais velhos da comunidade. Acolhe, compreende, respeita e instrui em busca e em defesa de nossa existência, e incentiva a ocupar lugares nas esferas de poder para que a nossa voz seja ouvida. Não teria trilha mais desejada do que a trilha da escrita. A nossa literatura, as nossas memórias.







COLEÇÃO RETOMADAS



A Universidade e seu conceito universal de criação do conhecimento foi e ainda é centro de emanção dos propósitos e diretrizes dos invasores colonizadores do *mundo moderno*. Muitas vezes, cria conceitos que legitimam o *mundo moderno*, controlando, classificando e definindo nossos povos indígenas originários.

151

Por essa razão, esta instituição se torna instrumento operado pela colonização para silenciar os saberes e ciências dos nossos povos indígenas originários. No entanto, as universidades estão sendo instigadas pelos povos indígenas que têm ocupado esses espaços a repensar e a pensar outros conceitos e formas de se relacionar com a Terra, o que tem ampliado os debates acerca das cosmologias e dos modos de vida.

A necessidade da ampliação desses debates não surge da *boa vontade* das universidades e de seus operadores, mas, sim, da fustigante fricção do movimento dos povos indígenas, que abrem espaço no meio universitário e trazem outras perspectivas, expandindo as discussões acerca dos povos, da relação com a Terra, da relação com a vida e da relação com o consumo. Nossos povos são povos cúmplices da Terra, bem diferente do povo do *mundo moderno* que é o povo do consumismo.

A questão cosmológica dentro das universidades vem ganhando visibilidade, velocidade e força a partir de diferentes movimentos articulados pelos povos indígenas originários. Hoje, de certa forma é bem mais comum tratar esse tema em algumas universidades. Porém, nossas cosmologias ainda são abordadas a partir do pensamento e cosmovisão dos invasores brancos, que teimam em querer nos ensinar a como pensar a vida da mesma forma que eles pensam.

Essa é uma questão mal abordada pelos doutores das universidades, que aludem a nossos povos numa perspectiva genérica do *mundo moderno*. Cada povo é um mundo, uma cosmovisão, uma perspectiva. Cada povo tem uma maneira de viver, sentir e perceber a Terra e o território onde está. Logo, para uma proposta de aproximação e diálogo entre nossos povos e a Universidade é necessário que esta entenda que nossos povos não são genéricos.

152

A Universidade em seu nome abriga o conceito do universal e nossos povos são plurais. Para a universidade ampliar o debate com os povos indígenas originários, ela tem que rever seu conceito de universalidade. A partir da tentativa de diálogo entre universidades e povos indígenas podemos pensar como esse movimento será importante para afirmar as retomadas das narrativas dos povos indígenas originários. Com a ampliação do debate cosmológico, poderemos compor trocas de conhecimentos, numa convivência entre nossos mundos indígenas e o mundo moderno. A Universidade pode deixar de ser um espaço de colonização e se tornar um espaço de amplificação dos plurais modos de vida.

A proposta da **Coleção Retomadas** é apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do a) questionamento da história *oficial* do *mundo moderno*, do b) relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da c) expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar

e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

Precisamos enxergar cultura além da visão de mercado, além de um ciclo vicioso de reafirmação de um poder hegemônico e de epistemologias forjados das correntes que nos amarram ao passado criado pelo colonizador e que, até hoje, nos impedem de reconhecer outros modos de vida. Dar voz aos nossos parentes e assegurar-lhes o direito de registrar suas vivências sob uma perspectiva sua, apresentar cosmovisões de resistência que impulsionam nossa retomada por uma cosmologia que respeite a vida e as diferenças, que lhes são naturais.

A **Coleção Retomadas** é fruto da coragem de romper estruturas e convenções que insistem em nos apartar do que somos como condição para sermos ouvidos. É um ato de insubmissão, em que nós indígenas nos desvencilhamos da condição passiva, limitada e muda de objeto de estudo em que somos descritos por aqueles que não partilham de nossos mundos, para mostrar que também somos sujeitos que contribuem para a construção de saberes. É uma chamada de retomada, um movimento pela pluralidade de conhecimentos que não podem ser acessados por aqueles que não se permitem ver além da generalização das identidades artificiais que nos impuseram.

153

Eliana Souza Tremembé
Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Miguel Sanches Neto

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Maria Salete Marcon Gomes Vaz

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA COLEÇÃO RETOMADAS

Álvaro Franco da Fonseca Junior

Eliana Souza Tremembé

Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú

Ingrid Ribeiro Olanda Bonifacio Tremembé

Julia Isabela de Souza Kaingang

Letícia Fraga

Lígia Paula Couto

Mariana Fraga da Fonseca

Rachel Libois

Rosilene Gynprag Abreu

CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO RETOMADAS

Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó

Casé Angatu

Eliane Potiguara

Felipe Milanez

Florencio Rekeyg Fernandes

Geni Nuñez

Gersem Baniwa

Márcia Wayna Kambeba

Taquari Pataxó

FINANCIAMENTO



APOIO



© Géssica Francielle Nunes de Paula.

EQUIPE EDITORIAL

EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO Rachel Libois

REVISÃO Marco Aurélio de Souza

CAPA Álvaro Franco da Fonseca Júnior

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Carlos Bauer

1ª edição, 2023.

G914 Guarani Nhandewa, Géssica Nunes
Universidade território indígena [livro eletrônico]/ Géssica
Nunes Guarani Nhandewa. Ponta Grossa: UEPG/PROEX,
2023. 156p.; E-book, PDF.

ISBN: 978-65-86967-73-9

1. Autores indígenas. 2. Indígenas - Educação. 3. Mulheres
indígenas. 4. Conhecimentos indígenas. I. Guarani
Nhandewa, Géssica Nunes. II. T.

CDD: 323.1

Elaborado por Rodrigo Pallú Martins — CRB 9/2034/O



Este livro foi composto em Noka e Piazzolla.

O papel do miolo é o sulfite 75g/m² e da capa é o duplex 250g/m².

Impressão e acabamento foram feitos pela gráfica da UEPG.

Foram produzidas 200 unidades.



**Géssica Nunes
Guarani Nhandewa**

é mãe, professora,
pesquisadora, curadora
de Literatura Indígena e
especialista em Gestão
Escolar Indígena.



COLEÇÃO RETOMADAS é pensada e desenvolvida por indígenas, para divulgar os saberes e conhecimentos indígenas. Objetivamos que essa divulgação impacte o espaço da universidade e também fora dela, alcançando todos os públicos. Encontramos aliados no Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) que, numa ação genuinamente coletiva, abraçou nosso projeto como parte de um movimento muito maior de retomada, tornando-o possível. O CEAI é vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A coleção propõe apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do questionamento da história oficial do mundo moderno, do relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

Conheça e acompanhe o trabalho do CEAI:

 [ceai coletivo indigena](#)

 [ceai_oficial](#)

 [ceai coletivo](#)

